

**CÁRITAS BRASILEIRA**

# **AMOR QUE LIBERTA**

**MÍSTICA E ESPIRITUALIDADE DA CÁRITAS BRASILEIRA**

BRASÍLIA, SETEMBRO DE 2003

## APRESENTAÇÃO

É com alegria e responsabilidade que estamos publicando a sistematização das descobertas e das reflexões de três anos de busca de uma mística e espiritualidade da Cáritas Brasileira. Nessa longa caminhada, tivemos um momento forte na Assembléia de 2001: celebramos as descobertas de mística e espiritualidade presentes em nossa vida e marcamos os rumos de nosso aprofundamento.

Tudo que segue é fruto de um grande mutirão dos agentes da nossa Cáritas. Realizamos um trabalho de garimpo: ao contrário dos que buscam ouro e pedras preciosas movidos pela avidez do enriquecimento, nós buscamos as riquezas do espírito já presentes em nossa vida cotidiana e em nosso trabalho de Cáritas e, depois, buscamos novas luzes para aprofundar a mística e a espiritualidade que nos animam. A sistematização que agora temos em mãos é o que de melhor construímos juntos nessa caminhada.

A imagem do garimpo nos lembra que as descobertas que fizemos só foram possíveis por causa de nossa dedicação: só encontra pepitas e pedras raras quem está atento aos sinais e quem persegue com firmeza seu objetivo; da mesma forma, só consegue *beber no próprio poço* quem se dá o tempo de descobrir os valores existentes na vida pessoal e nas ações coletivas. Assim como o ouro e as pedras raras são presentes gerados pela longa história da terra, também o *espírito que nos anima* é fruto da bondade de Deus e da comunhão de muitos seres humanos. Mas ele é também fruto de nossa busca, de nosso cuidado. Por isso, esta sistematização recolhe o que descobrimos que já estava presente em nossa vida e o que construímos com nosso próprio esforço coletivo de reflexão.

A imagem do mutirão nos revela que tudo isso foi possível porque todos aceitamos participar desse processo de descoberta, de aprofundamento e de construção, livremente e com alegria. Quem vai ao mutirão – também conhecido como adjunto, puxirum, adjutório – é movido pela amizade que tem pela pessoa ou família que está necessitando do reforço coletivo. Nas tradições do mutirão, trabalhava-se cantando e o trabalho coletivo solidário tinha seu fecho com uma deliciosa festa, com comes, bebes e dança. Foi assim que realizamos essa caminhada: alegrando-nos com as descobertas, enfrentando as questões que nos desafiavam, refletindo e celebrando. Não começamos do zero, nem esperamos o final para dar maior firmeza à nossa

mística e aprofundar nossa espiritualidade: fizemos tudo junto em cada movimento, em cada busca, em cada celebração, em cada ação...

Começamos descobrindo que *mística* é a força, a motivação, a razão das escolhas, a raiz da paixão que nos leva a estar com os excluídos e excluídas e com eles e elas ter certeza, na esperança, de que um *outro mundo é possível e está sendo construído*: nosso espírito é tomado pelo Espírito, pelo amor livre e gratuito de Deus. E a *espiritualidade* tem a ver com os caminhos escolhidos e trilhados para alimentar este espírito, esta força que nos faz viver e agir em favor das outras pessoas. Podemos seguir diferentes caminhos de espiritualidade, podemos enriquecer-nos por meio do intercâmbio de espiritualidades, todas sempre permeadas por dimensões culturais e por expressões coletivas, rituais, religiosas, mas o fundamental é que a espiritualidade adotada e a abertura às riquezas presentes nas demais alimentem e aprofundem as motivações e a paixão que caracterizam a nossa *mística*.

Que esta publicação nos alegre e nos ajude a continuar em atitude de busca, pois a mística e a espiritualidade têm tudo a ver com a vida, e esta está sempre em mutação, sofrendo, com toda a natureza, as dores de parto da humanização sempre renovada, da humanização que avança rumo à paixão mística de Jesus Cristo, o Reino de Deus (Cf. Rm 8,18-25).

José Magalhães de Sousa  
Diretor-Executivo Nacional

## ENTREABRINDO...

Faz mais de dois anos que estamos a caminho. Como os discípulos de Emaús, vivemos no meio de acontecimentos que põem em questão nosso ânimo. Para sorte nossa, convivemos, no mesmo tempo, com momentos geradores de esperança, e tanta que, por algum motivo, chegamos a sonhar que o momento, de tão intenso, se tornaria eterno. Logo somos despertados, contudo, e com ruídos terríveis e ameaças que, uma vez mais, nos fazem duvidar da própria humanidade.

O destino desejado por todas e todos nós, agentes da Cáritas Brasileira, era a construção de uma boa mística e espiritualidade para todos nós. Já chegamos? Ou esse será um caminho sempre aberto, sem fim, com pousadas, campos para tendas, em que se chega, vive-se e condive-se, intensamente, o percorrido, o descoberto, e se retoma, mais reforçados, a romaria?

Todos os grandes mestres da vida nos sugerem que o caminho da mística e da espiritualidade não tem fim. Ou melhor, que somos nós, em nossa imperfeição e nosso desejo infinito de superação, que descobrimos a necessidade de continuar avançando sempre, buscando novas maneiras de estarmos mais próximos da divindade. Na vida e na palavra de Jesus, por exemplo, nos compreendemos melhor: “*sejam perfeitos como o Pai o é...*” (Mt 5,48). Podemos crescer sempre, e, mesmo assim, teremos muito mais a descobrir e vivenciar.

Convivemos com acontecimentos marcantes nesses dois anos, e continuamos profundamente influenciados por eles. Para que a sistematização de nossa caminhada seja, ela também, fonte de momentos de reencontro, redescoberta, revisão, celebração apaixonante, é importante que a acolhamos imersos nas angústias e esperanças presentes na realidade em constante movimento. Destaquemos alguns desses acontecimentos:

O ataque às *torres gêmeas*, símbolo maior da dominação característica do mundo atual, em setembro de 2001, em Nova Iorque, abriu a boca da besta-fera do império,<sup>1</sup> e dela saiu o que, por fruto de ilusão ou de medo, julgávamos não mais existir. O poder político e militar estadunidense mostrou até onde é capaz de ir para servir e louvar ao seu ídolo, o dinheiro, a riqueza. Já presenciamos duas guerras nesse curto prazo, contra o Afeganistão e o Iraque, as duas contra poderes locais promovidos anteriormente pelos mesmos interesses estadunidenses, mantidos por eles por servirem às suas estratégias de dominação. Se a primeira foi um escandaloso massacre de um país absolutamente empobrecido, a segunda serviu para deixar claro que o poder imperial não se dobra nem depende de qualquer instância de poder mundial, como a

ONU. As duas indicaram uma escalada imensa de perversão: a mentira tornou-se a regra mais geral dos meios de comunicação, e ela foi elaborada e vendida por agências de informação e segurança estadunidenses, de modo especial pela CIA.

Em direção e com sentido claramente opostos aos do império neoliberal estadunidense, tivemos oportunidade de participar de mais dois Fóruns Sociais Mundiais, em Porto Alegre. Um dos sinais da incalculável importância desse tipo de encontro, intercâmbio, contestação e busca de caminhos alternativos para a humanidade foi, certamente, a mobilização de mais de seis milhões de pessoas em todo o Planeta contra a deflagração da guerra no Iraque apenas 15 dias depois do término do Fórum Social Mundial de 2003. Mesmo não tendo alcançado o objetivo imediato, a mobilização mundial serviu para demonstrar ainda mais claramente o caráter imperial, antidemocrático e anti-humano dos governos estadunidense e inglês; mas, para nossa sorte, serviu também para reforçar e dar caráter permanente à mobilização da humanidade em favor de dias de paz, e de uma paz que exige justiça, melhor distribuição da riqueza e maior cuidado com toda a Criação.

Em nosso país, pouco antes do Fórum Social Mundial de 2003, tivemos um acontecimento extraordinário: a eleição, pela primeira vez, de um representante da população trabalhadora para a Presidência da República. A eleição de Lula revela sentimentos importantes da população: que não aceita os descaminhos neoliberais, geradores de empobrecimento e insegurança generalizados, de grave endividamento público e privado e de ameaças à soberania nacional; que exige as mudanças necessárias para que todas as pessoas possam viver com dignidade; que prefere enfrentar o medo, gerado pelas constantes ameaças das elites financeiras, e quer trilhar caminhos em que sejam semeadas sementes de esperança, indicando que vale a pena acreditar no país, e de modo especial, em sua população trabalhadora.

Eleito o governo de origem popular, comprometido publicamente com a criação de condições para que todas as pessoas vivam dignamente a partir de seu trabalho, implicando a superação da miséria e da fome que atingem mais de 40 milhões de brasileiros e brasileiras, estamos vivendo um tempo de intensa disputa pela hegemonia da sua orientação política. Presenciamos sinais contraditórios, uns indicando clareza de objetivos em relação aos direitos sociais, outros, contudo, deixando no ar a sensação de continuidade em relação à macroeconomia, que, se confirmada, ameaça a possibilidade real de políticas sociais favoráveis à população. De toda maneira, o desafio colocado à cidadania é o da intensificação de sua presença

---

<sup>1</sup> Cf. Apoc 13,1-18 e 19,19-21.

nos espaços públicos para, com sua criatividade e com seu poder, exigir que o governo coloque em prática os compromissos apoiados pelos eleitores.

Vale destacar, por fim, um passo significativo: o Programa Um Milhão de Cisternas no Semi-Árido foi assumido como política pública pelo governo federal, e como parte do Programa Fome Zero. Isto indica como é fundamental à sociedade ir abrindo caminhos novos, de validade comprovada pela prática, para servirem como base para a luta por políticas públicas a serem implementadas com participação direta de entidades civis. Continua o desafio de fazer que essa luta por uma nova cultura de relação com a água no Semi-Árido seja, de fato, a porta de entrada para as políticas públicas que possibilitarão, junto com o povo da região, a Convivência com o Semi-Árido.

Como se pode ver nesse breve elenco de acontecimentos, vivemos em tempos difíceis, desafiadores, marcados por práticas imperiais, mas que, assim mesmo, são tempos portadores de novas potencialidades, de modo especial em nosso país. A busca por uma espiritualidade e mística da Cáritas deve ser, ela própria, uma fonte de luz para compreendermos com maior atenção os sinais dos tempos, levando-nos a assumir, com renovada esperança, nossa missão de seguidores de Jesus, de modo especial através da prática do amor que transforma o próximo amado, o próprio amante e o mundo em que se ama.

## I – UM GARIMPO SURPREENDENTE

Nosso ponto de partida, definido com a participação de todas e todos os companheiros, foi o de nos assumirmos como seres portadores de espiritualidade. Não aceitamos a falsa idéia de que mística e espiritualidade seriam características de monges e, quando muito, de pessoas consagradas por algum tipo de ordenação eclesiástica. Todo ser humano é espiritual, e suas práticas revelam seu espírito, pratique ou não alguma religião.

A porta de entrada, então, para a realização de nossa prioridade, não estava na leitura de textos ou livros, nem na audiência de palestras de especialistas sobre espiritualidade. Nós mesmos – com nossa individualidade, construída junto com múltiplas relações, inclusive religiosas, e portadora de experiências positivas, de dúvidas e questionamentos – deveríamos ser os primeiros interlocutores dessa longa caminhada. Uma caminhada, por sinal, que parte de nós e retorna a nós próprios, indo do eu atual de cada pessoa para um eu mais profundo, mais fundamentado, com bases renovadas e mais seguras. Por onde passaríamos, em nossa busca? A resposta deveria ser dada por todas e todos os participantes, mas o ponto de partida precisava ser a experiência de cada pessoa, de cada grupo e equipe, de todos os membros da Cáritas. Sem isso, perderíamos a riqueza de espiritualidade já existente, e não teríamos certeza de que cada pessoa seria aquele bom terreno da parábola, que recebe a semente e a faz frutificar em até cem por cento (Mt. 13,1-23).

O “garimpo”, como foi denominado, ocupou nosso primeiro ano. O ponto de encontro, de apresentação dos tesouros encontrados, foi a Assembléia Nacional de 2001. A primeira parte de nossa sistematização procura resgatar o que descobrimos de essencial nessa obra coletiva. Evidentemente, não será possível retomar e retratar aqui, em forma de relato, tudo que foi sentimento, emoção, até mesmo porque cada pessoa vive isso de forma muito diferente. Procuraremos destacar o que nos ajudará a ter presente em nossa espiritualidade e mística as riquezas garimpadas.

### 1.1 – Gente de ação

Nosso “garimpo”, iniciado em cada pessoa, tornado coletivo nas equipes paroquiais e diocesanas, nos Secretariados Regionais e Nacional, revelou-nos uma primeira característica de nossa espiritualidade: somos *gente de ação*. Podemos até agir demais, caindo no ativismo, mas

não podemos fugir de que somos pessoas, equipes, uma entidade voltada para a prática em favor dos excluídos e excluídas.

Basta lembrar das *Tendas* em que fomos acolhidos em cada Regional pelos seus representantes, iniciando a nossa *Assembléia de Siquém* (Josué 24,1-28), para perceber como a ação, a prática, a luta é o nosso chão de todo o dia. E não qualquer prática, apenas para ocupar o tempo. Assumimos ações que despertem ou reforcem a capacidade de agir das pessoas com quem desejamos caminhar para enfrentar os problemas encontrados. São ações que têm como objetivo modificar, transformar a realidade, superando necessidades que afligem pessoas. Nossa prática é social por ser feita em favor de e com as pessoas, grupos ou coletividades que se encontram em diferentes formas de exclusão.

Gente de ação costuma correr muito, e mais ainda quando são poucos. Correm para dar conta dos pedidos, dos desafios, da continuidade das práticas. Maior ainda é a correria, e o tempo exigido, quanto mais as ações implicam conflitos. E conflitos que nascem do confronto dos interesses das elites com as reivindicações ou lutas diretas dos excluídos, nossos parceiros preferenciais. Ou nascem da reação da própria instituição eclesial, já que nossa Cáritas é organismo da Igreja Católica. Mais complicados ainda são os conflitos vividos no interior das nossas equipes, e que têm origens diferentes, quase sempre ligadas à busca da melhor orientação para a prática, mas, outras vezes, revelando disputas por poder, ainda se tão pequeno.

De toda forma, somos pessoas de ação. Somos mais facilmente criticados e criticadas pelo descuido de nós mesmos do que por estarmos acomodados. Contraditoriamente, contudo, somos tentados pelos mesmos que nos questionam a assumir novas frentes de trabalho, mais atividades, novos desafios. E nos deixam, muita vezes, sem os recursos indispensáveis, o que obriga a buscar quem nos apóie financeiramente, perto ou longe.

O ritmo intenso de trabalho nos levou à necessidade da prática do mutirão. Somos companheiros, nos ajudamos muito. Temos tido o cuidado de capacitar-nos para planejar com mais competência, não como quem depende de técnicas e se submete a burocracias, mas como quem sabe que o tempo é pouco e precisa ser bem utilizado; e ser bem utilizado por causa dos que desejamos servir. Experimentamos, nos últimos anos, uma unidade cada vez maior, e não só exterior, fruto de alguma disciplina, mas também fruto de uma melhor compreensão da missão que assumimos. A própria vivência de *Assembléia de Siquém* (Josué 24,1-28), na última Assembléia Geral, nos mostrou como é bom vivermos unidos, numa união de quem busca ser mais fiel. Somos diferentes, como pessoas e como Regionais, nascidos em regiões com culturas muito características. Quando nos assumimos como um corpo só, solidários uns com os outros,



cada equipe agindo da melhor maneira na localidade e na região, mas sabendo que conta com o apoio dos demais que trabalham em outras localidades e regiões, experimentamos a alegria da complementaridade. Passamos a vivenciar as diferenças como uma possibilidade de enriquecimento: uma pessoa enriquece a outra, cada região se sente enriquecida pela cultura das outras.

Somos equipes de mulheres e homens, e temos procurado reconhecer-nos diferentes e iguais, rompendo com práticas que impedem a construção de relações de gênero que possibilitem uma real igualdade de direitos. A pesquisa e as reflexões que fizemos sobre isso nos ajudaram a compreender com maior profundidade a importância desta caminhada de superação de preconceitos e hábitos discriminatórios, abrindo caminhos para uma convivência que nos ajude a crescer a partir de mais essa diferença.

Este tem sido o primeiro fruto de nosso “garimpo”: descobrimos que somos gente de ação, gente que trabalha muito com e em favor dos excluídos e excluídas, mas que estamos aprendendo a ser solidários na vida e nas ações; gente diferente, mas com uma missão comum e que estamos crescendo na capacidade de reconhecer com alegria as contribuições que os companheiros e companheiras nos dão; gente que faz a experiência da solidariedade entre regiões diferentes, mas que nos sentimos parte de um único país, e nos enriquecemos com as culturas que as caracterizam; somos mulheres e homens, desejosos de uma convivência de pessoas que se enriquecem a partir de suas diferenças, garantindo relações de igualdade.

## **1.2 – Obras que revelam fé**

Depois de ter revelado que os agentes da Cáritas são gente de ação, o “garimpo” mostrou que essas pessoas agem movidas pela fé. Como já dizia o apóstolo Tiago, a Cáritas também mostra sua fé através das ações (Tiago 2,14-26). As pessoas que trabalham na Cáritas são profissionais, e são desafiadas a agir profissionalmente, mas isso não basta. Elas assumem o *espírito de Cáritas*, acreditam no que fazem.

As origens culturais e as experiências religiosas das pessoas que atuam na Cáritas são diferentes. Mesmo sendo um organismo da Igreja Católica, na seleção dos que trabalham na Cáritas não entra a comprovação de que a pessoa seja católica, nem que frequente práticas religiosas. Como já referimos, o essencial é sua identificação com o *espírito da Cáritas*, isto é, com a compreensão que a Cáritas tem dos excluídos e com a sua metodologia de ação. Para a Cáritas, os excluídos não são objetos de uma ação social, e sim sujeitos portadores de direitos,

capazes de assumir o protagonismo das iniciativas que lhes possibilitarão as oportunidades até agora negadas. E sua metodologia assenta-se na gestação de um processo que torne possível esse protagonismo.

A primeira e mais radical dimensão de fé, descoberta com alegria nas ações das e dos agentes da Cáritas, foi a fé na pessoa humana. Acredita-se na sua dignidade e na sua capacidade de superação, mesmo nas condições mais extremas. Vai-se ao encontro, procurando comunicar-se com as pessoas, buscando, desde o início, uma relação que valorize sua criatividade, que as reconheça portadoras de direitos negados, credoras da dívida social. Por isso, a atitude de raiz é a *compaixão*: sentir o que a outra pessoa sente, sofrer com ela, mas também agarrar-se, junto com ela, ao desejo de viver. E isso é feito pelo valor que a vida de cada pessoa tem.

O “garimpo” nos possibilitou descobrir que a grande maioria vive essa relação com as pessoas na dimensão cristã de serem o seu próximo. Não pessoas vizinhas, que vivem por perto, mas pessoas assumidas como o próximo, de quem a gente decide aproximar-se, e com elas assumir uma relação de *compaixão e misericórdia* (Lc 10,25-37). O exemplo de referência, o inspirador, é Jesus Cristo. O *espírito* dos e das agentes da Cáritas é muito marcado pela prática de Jesus. Não tanto pela sua dimensão de Cristo, do seu poder depois da ressurreição, por estar assentado junto do Pai, vitorioso sobre a própria morte, como o fazem principalmente os pentecostais e carismáticos de diferentes tradições. Toma-se como referência Jesus Cristo histórico, seu modo de ser e de agir junto ao seu povo, na Palestina. Descobre-se, especialmente, seu modo de agir com as pessoas mais empobrecidas, marginalizadas, excluídas, discriminadas, e de como essa prática é dimensão essencial e indispensável ao seu Evangelho. Para isso, entre as muitas referências lembradas durante o “garimpo”, vale destacar a Parábola do Samaritano (Lc 10,25-37), as relações com as pessoas doentes, as denominadas *endemoninhadas* (Mt 15,29-39), as portadoras de lepra e a relação com a mulher (Lc 10,1-42; Jo 4,1-45; 8,1-11), de modo especial com a estrangeira e a pecadora. Ele de fato testemunhou ter *coração de pobre*, ser misericordioso: ia ao encontro, despertava a humanidade espezinhada, dispunha-se a recriar as condições para que as pessoas reassumissem sua existência com liberdade. Ele acreditava nas pessoas e despertava a sua fé; a partir dali, desafiava-as a assumir sua missão de seres humanos servidores da vida.

Nossa fé tem como alimento e inspiração também outras fontes religiosas de origem indígena, afro-brasileira, oriental. Somos, de fato, macroecumênicos, no acolhimento dos valores e crenças trazidos por colegas nas equipes e na abertura para reconhecer as diferentes inspirações que levam as pessoas a dedicarem sua vida à libertação dos empobrecidos. Diferentes formas de

relação com a divindade, com o universo e com as pessoas nos enriquecem, dando à nossa vida e à nossa ação uma profundidade maior. Seguimos, assim, o exemplo de Jesus: admirado, repetia que encontrava mais fé e mais amor nos que tinham religião diferente do que nos membros do que devia ser e se considerava *Povo de Deus*.

A fé de nossos antepassados se faz presente na cultura e nas expressões religiosas, muitas delas carregadas de sincretismos. Elas se fazem presentes em nossa vida, tanto em nosso modo de ser, de acreditar, de orar e de agir, como através das práticas dos grupos humanos com quem trabalhamos. É bom descobrirmos que, muitas vezes, pessoas inspiradas em religiões afro-brasileiras e indígenas são portadoras de valores a que nós, inspirados em Jesus, pouco damos atenção. Um destaque especial deve ser dado à profundidade das relações com a natureza por parte dessas religiões, assumida sem separações dicotômicas, respeitada, amada e celebrada como uma realidade de que fazemos parte e é permeada pelo Espírito de Deus. Vale lembrar também como a prática comunitária é essencial na vida dos povos indígenas, testemunhando um respeito e um amor afetivo pouco comum. Recebemos deles também o sentido de festa, na relação com os acontecimentos da vida e na relação com Deus.

Esta fé precisa ser alimentada, cultivada. Descobrimos que uma das formas desse cuidado mais presente em nossa prática é a leitura da Palavra de Deus. Aprendemos com a metodologia do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) a fazer uma leitura ligada com a vida, a atual e a do povo na época em que foi escrita, iluminando a prática que nos cabe realizar. O que fazemos não é apenas um exercício intelectual, e sim uma leitura orante. Nós rezamos a Palavra: rezamos a vida, iluminada pela Palavra; buscamos inspiração para agir de acordo com a vontade de Deus.

Outra maneira de alimentar a fé é a participação nas celebrações litúrgicas junto às comunidades. Fazemos isso, e muitas vezes crescemos em nossa decisão de seguir a Jesus. Mas nem sempre acontece isso, já que muitas celebrações são feitas de maneira muito ritualista, com fórmulas repetitivas, sem relação com a vida. Isso nos leva a viver alguns conflitos, pois desejamos profundamente a relação com a comunidade mas não nos sentimos bem nas celebrações. Percebemos nelas, ainda, muita presença de machismo, de modo especial pela exclusividade do presbiterato para homens celibatários, e pouca vontade de aceitar a participação livre e responsável das pessoas. Há um centralismo muito grande, e isso entra em contradição com o que acreditamos, seja em relação ao direito à cidadania, a partir dos direitos de todas as pessoas, seja em relação ao cristianismo praticado e anunciado por Jesus, pois ele sempre promoveu relações fraternas, de igualdade entre irmãos.

O “garimpo” revelou essas tensões e conflitos e indicou, como veremos, ser esse um dos pontos que precisaremos aprofundar. De toda maneira, uma coisa é certa: a espiritualidade e a mística da Cáritas são uma vivência de fé. E isso se revela de modo especial nas situações mais difíceis, nos momentos em que tudo pareceria justificar a desesperança: é aí que o testemunho das motivações profundas, do espírito que anima o coração, da paixão pela vida e pelos direitos das pessoas, da confiança na Palavra do Senhor, se faz muito forte. De fato, vivemos imersos em milagres, em ações extraordinárias que acontecem todos os dias, pela bondade de Deus, na vida das pessoas abandonadas pela nossa sociedade e pelos governantes, e esses milagres, mais do que tantas outras palavras, mantêm viva a nossa fé. De onde poderia vir a desesperança, vem a esperança ativa. É ali que experimentamos o sentido da vitória de Jesus sobre a morte: não foi uma vitória pessoal, uma fonte de um novo poder que pode substituir a iniciativa humana; foi a confirmação de que tudo o que Jesus havia feito em sua vida, inclusive o que o levou à condenação por parte dos que não aceitaram sua prática e sua proposta, foi aceito por Deus como caminho para realizar a sua vontade. Vence-se a morte não apenas depois da morte física, mas em toda a ação que abre caminhos para que as pessoas superem as dominações, as discriminações, as opressões, as prisões, as cegueiras, as mutilações. Esta é a Boa Nova que deve ser anunciada aos empobrecidos, e ela é fonte de esperança, de ressurreição (Lc 4,14-21).

### **1.3 – Solidariedade libertadora**

O “garimpo” deixou claro que parte importante de nossa espiritualidade é a vivência da *caridade libertadora*. Somos Cáritas, isto é, caridade. Mas não queremos nem aceitamos que ela seja reduzida ao que foi sendo entendido como a prática de dar alguma coisa ou algum dinheiro a alguém sem interessar-se por ele, talvez desejando ver-se livre e distante dele. Esse tipo de prática transforma a pessoa que recebe em objeto de dó ou de comiseração de um outro estranho, e faz desse estranho alguém que se considera separado do que se apresentou com alguma necessidade, provavelmente alguém que se considera melhor do que o outro. As duas pessoas se despersonalizam nessa relação mal realizada. De toda forma, essa *caridade* não liberta; pelo contrário, mantém e aprofunda os processos que geraram a existência de pessoas que sobrevivem em precárias condições e que não se sentem com poder para transformá-las.

Nem sempre a prática da Cáritas está livre desse tipo de *caridade*; cabe-nos, então, trabalhar para que toda ela ande em outra direção. Qual? Nossa descoberta nos indicou que

buscamos outra maneira de compreender o que seja a verdadeira caridade e o que seja a libertação.

Caridade, no sentido teológico, isto é, na busca de uma relação verdadeira com Deus, é o amor humano vivido do jeito de Deus. Seria como dizer que Deus entra na pessoa e a faz capaz de amar como ele ama. Caridade é o amor de Deus realizado pelo amor humano. Jesus é o exemplo humano desse amor divino. Por isso ele pôde dizer: *ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pela pessoa que ama e amem-se uns aos outros como eu amei a vocês* (Jo 13,31-35).

Apesar das aparências em contrário, o amor de Deus é sem limite, uma paixão permanente. Tanto amou, que enviou seu próprio Filho, e este tanto amou, que entregou sua vida por nós. E o amor inspirado por este amor parte da descoberta e da alegre vivência de que foi Ele, Deus, quem tomou a iniciativa: *Ele nos amou primeiro*. Por isso, *amemo-nos uns aos outros como Ele nos amou* (1Jo 4,7ss). É isso mesmo: só se ama a Deus amando as outras pessoas com o amor dele. E quem ama quer a vida para o outro e a outra, e *vida em plenitude* (Jo 10,10).

O amor de tipo *caridade* parece, então, algo muito simples e, ao mesmo tempo, uma prática que nunca será perfeita. Basta, por um lado, deixar-se mover pelo amor de Deus, que é sem limites; por outro, quem conseguirá amar como Deus? Trata-se realmente de um caminho sem fim, em que se pode crescer sempre sem receio de não haver algo mais a aprender e a realizar.

Nossa espiritualidade, contudo, é prática da *caridade*, mas de uma *caridade libertadora*. Em que sentido entra a palavra *libertação*?

Aqui entra em cena aquela metodologia de leitura da Palavra de Deus que aprendemos do CEBI: precisamos descobrir o sentido de libertação presente no amor concreto, histórico, de Jesus e, ao mesmo tempo, precisamos iluminar com sua luz os conteúdos acrescentados em nosso tempo e em nossa realidade brasileira. Para exemplificar: precisamos assumir como parte da libertação as práticas concretas de Jesus, com seu significado revelado no Evangelho, e as práticas de cidadania ativa, possíveis hoje e que não fizeram parte da experiência do povo no tempo de Jesus.

O que desejamos é viver um amor que liberte, tomando as expressões do evangelista Lucas, que liberte *das prisões, das opressões, da cegueira... para que todos possam chegar ao ano da graça do Senhor* (Lc 4,16-21). É preciso realizar passos bem práticos, retirando ou superando o que impede a prática da liberdade de cada pessoa ou de povos inteiros: qualquer tipo

de aprisionamento, de opressão, de cegueira. Em outras palavras, o ponto de partida e o primeiro objetivo é a construção de condições para a prática da liberdade das pessoas. Pessoas sem liberdade estão sem condições de participar da construção do projeto maior e coletivo: o *ano da graça do Senhor*, o tempo em que todas as pessoas e todos os povos viverão da maneira que agrada a Deus, e o farão movidos por Ele, pela força de sua graça. O amor ao próximo, a todas as pessoas assumidas como o próximo, não se contenta em atender a uma necessidade imediata, mesmo sendo ela muito importante e o primeiro gesto a ser realizado; o que ele busca é recriar, junto com as pessoas amadas, as condições necessárias para que elas, livremente, se juntem aos que lutam por um mundo diferente, um mundo mais humano, em que Deus se sinta bem e seja fonte de avanços sem fim na convivência entre os seres humanos e com a natureza.

Por outro lado, temos hoje possibilidades novas de prática desse amor libertador. Podemos, por exemplo, conquistar políticas públicas que garantam a toda uma parte da população a recuperação da liberdade até agora impedida. É o caso, apenas para citar um exemplo, da conquista da cisterna caseira como meio para realizar o direito à água saudável no Semi-Árido. Não se trata de ir fazendo, amorosamente, uma cisterna em cada casa, esperando chegar a mais de um milhão de famílias; trata-se de provar que é possível fazer isso e de organizar o povo para exigir que os governantes assumam a tarefa de estender isso a todas as famílias. Conseqüentemente, várias libertações vão acontecendo, engrossando o processo de libertação: as pessoas do Semi-Árido libertam-se do uso de água contaminada, do sacrifício de ir buscá-la longe de casa, e, principalmente, da dependência dos que controlam a água e os carros-pipa para carregá-la; as mesmas pessoas libertam-se da falsa idéia de que a falta de água seria castigo de Deus e adquirem a liberdade de exigir, como cidadãos, o direito à água, bem como tantos outros direitos ainda não realizados; mais livres, essas pessoas começam a poder eleger pessoas diferentes para cuidar do bem comum... Em outras palavras, os processos de libertação, hoje, são, por um lado, fruto da cidadania ativa e, por outro, fonte de democratização. Nossa prática de caridade libertadora tem como missão iluminar e reforçar essas práticas políticas democratizadoras. A realização do *ano da graça do Senhor* acontecerá também com a contribuição destas práticas políticas.

A caridade, o amor libertador se faz presente em todas as formas de solidariedade, mesmo nas de socorro imediato, desde que realizadas como reconhecimento de um direito das pessoas e como um convite para uma prática maior de cidadania. E vai até as ações que têm como objetivo a transformação profunda das estruturas econômicas, políticas, sociais, culturais de uma sociedade. Ela assume que essa transformação profunda, em sociedades capitalistas

como a nossa, só se tornará possível se caminharmos na direção da socialização dos espaços, das oportunidades, da riqueza, o que significa que deverá passar por processos revolucionários. A caridade libertadora só tem compromissos com a humanidade e com Deus, e alimenta a liberdade de doar a vida, como amor humano que revela o amor a Deus e o amor de Deus, em favor de processos de libertação do e com o próximo, seja uma pessoa, um povo ou a humanidade. E os processos de libertação devem alcançar e mexer com todas as dimensões da existência.

Por fim, vale destacar que uma das formas de viver a caridade libertadora é participar e fortalecer a mobilização social, que pode expressar-se em diferentes esferas, desde a local até a mundial. Inclui, portanto, o apoio à organização popular, voltada para a prática política da cidadania na localidade, na região e no país, o apoio e participação em espaços como a Campanha Continental contra a ALCA, o Fórum Social Mundial. E nos coloca um desafio, a ser retomado mais adiante: com fazer que a Cáritas atue como uma Rede Internacional de forma efetiva, dando uma contribuição maior aos processos de mobilização mundial com o testemunho de uma caridade libertadora?

#### **1.4 – Síntese e questões de aprofundamento**

Como já foi referido, a luz da *Assembléia de Siquém* (Josué 24) e a da experiência dos discípulos de Emaús (Lc 24) nos iluminou e inspirou em nossa celebração e na sistematização da riqueza vivida, sinal forte da presença do Amor em nós, presença que nos faz capazes do amor e da solidariedade com a qualidade de *caridade*. Retomemos, então, a bela sistematização feita pelo Celso, o beneditino que, junto com seu colega Marcos, assessorou a Assembléia de 2001:

#### ***Perfil da Espiritualidade do(a) Agente Cáritas***

- “O mundo e tudo o que existe se sustentam sobre três colunas:*
- *pessoas que se consagram a **meditar** a Palavra de Deus,*
  - *pessoas que se consagram a viver a **oração** e*
  - *pessoas que se consagram a praticar a **solidariedade**.”*
- (Simeão, o Justo. Sábio do III séc. antes de Cristo)*

#### ***Fontes***

Como a água, e a própria vida, a espiritualidade tem suas fontes, que precisamos reconhecer e cuidar com todo carinho:

1. Vida sob a condução do Espírito doador de Vida em plenitude (Jo 3,1-15; 4,21-26; 20,20-22; Ez 37; Rm 8);

2. Centralidade do Reino de Deus – iminência da irrupção do Novo Céu e da Nova Terra;
3. Fidelidade absurda/absoluta de Deus;
4. Vida comunitária;
5. Sagrada Escritura – que permeia tudo, fecundando e renovando.

### *Desdobramentos*

Como a árvore, que se conhece pelos frutos, assim a espiritualidade se encarna em nosso modo de ser e de agir. Vale a pena destacar alguns desses sinais do espírito que nos anima:

1. **Solidariedade:** caridade libertadora/emancipadora; não abstrata, mas encarnada; compassiva (com-paixão).
2. **Discipulado:** no seguimento de Jesus; espiritualidade laical, batismal (obedecendo a um mandato do Senhor, e não de qualquer instituição), de serviço, testemunhal e martirial.
3. **Profecia:** práticas e palavras que vão às raízes (= radical); espiritualidade do conflito (dentro e fora da instituição), vivida nas fronteiras; espiritualidade política, que anuncia um projeto, uma aliança, e o faz com inquietude.
4. **Método:** inserido numa tradição orante de um povo crente, num ritmo cotidiano, marcado pela romaria/peregrinação, oração/celebração/leitura da Palavra, animado pelo exemplo e olhar de Maria, Mãe dos Pobres.
5. **Alteridade:** tem compromisso com a diversidade, com a acolhida do outro, da outra; ecumênica e macroecumênica; ecológica: zelo pela terra, pela água, pelo ar e pelo meio ambiente de todas as formas de vida; aberta às culturas (aprendendo e assimilando) e aos povos excluídos – indígenas, negros, nômades.
6. **Esperança:** marcada pela alegria e pela criatividade; da dança, da festa de casamento; comensalidade; ressurreição; saber celebrar e agradecer; permeada de ritos e do prazer de produzir para repartir com abundância.
7. **Afeto:** relação interpessoal, respeito à individualidade e acolhimento ao outro e à outra.
8. **Ética:** coerente e autêntica no que ensina e vive.
9. **Valorização do simples:** do protagonismo e da autogestão dos pobres; soma e não divide; economia popular solidária.



10. **Construção da paz:** não-violência; resistência pacifista; reconciliação e desobediência civil.

*Questões de aprofundamento*

A partir do processo vivido durante o ano de 2001, os e as participantes da 13ª Assembléia Nacional definiram os temas e as questões de aprofundamento, acompanhados de algumas indicações de conteúdos que deveriam estar presentes neles:

1. **MISSÃO PROFÉTICA DA CÁRITAS**
  - como parte da Missão profética da Igreja;
  - indignação, denúncia, anúncio;
  - relação da Missão com a Ação Política;
  - radicalidade no enfrentamento da violação dos direitos humanos como questão estrutural;
  - radicalidade no enfrentamento das causas das situações;
  - *desobediência civil* como espiritualidade;
  - o desafio da leitura dos sinais dos tempos;
  - presença solidária e transformadora.
2. **A CÁRITAS E OS DIFERENTES MODOS DE SER IGREJA**
  - que modo de ser igreja está presente na ação da Cáritas?
  - que Igreja queremos construir, tendo como referência Jesus Cristo?
  - trabalhar as potencialidades presentes na Igreja, na perspectiva da conversão;
  - ligar com relações de gênero;
  - aprofundar a questão da identidade da Cáritas;
  - como relacionar-se com os que propõem um cristianismo descomprometido;
  - ligar com o cotidiano da vida das e dos agentes Cáritas;
  - retomada do Vaticano II, Medellin, Puebla...
  - enfrentar as incoerências, as resistências e as contradições presentes nas práticas.
3. **O CULTIVO DO ESPÍRITO EM MEIO ÀS CORRERIAS E AOS CONFLITOS**
  - falta de tempo para olhar e ouvir e reconhecer as pessoas como irmãos(ãs);
  - falhas nas relações interpessoais nas equipes;
  - trabalhar *tempos de oração* e não só *oração no trabalho*;
  - trabalhar a dimensão de comunhão nas relações individuais e coletivas, de gênero, as diferenças...
  - relação com o meio ambiente.
4. **MÍSTICA E ESPIRITUALIDADE DE LEIGAS E LEIGOS**
  - quais as características;
  - quais os conteúdos;
  - quais as formas;
  - ligar com Caridade Libertadora;
  - relações pessoais, coletivas, com os excluídos e excluídas, sendo parte do Universo...
  - ligar-se com as formas populares de oração, mais ligadas ao cotidiano.

A segunda parte desta sistematização apresentará os pontos fortes das reflexões realizadas durante o ano de 2002 e início de 2003.

## II – NOVAS LUZES PARA CAMINHAR

A caminhada aconteceu, agora, com dinâmicas e percursos diferentes. Como havia sido proposto, as questões de aprofundamento foram trabalhadas por diferentes agrupamentos de Regionais. Isso significa que o processo de construção coletiva continuou, já que todos tiveram, em seguida, oportunidade de apreciar os trabalhos dos outros, além de avaliar se a sistematização deu conta dos pontos centrais das reflexões. As reflexões que seguem são, portanto, fruto desse trabalho coletivo.

### 2.1 – Ser do time dos profetas

Da reflexão feita em diferentes datas em três Regionais – São Paulo, com assessoria de Pe. Benedito Ferraro;<sup>2</sup> Minas Gerais, com apoio de D. José Maria Pires; Rio Grande do Sul, com assessoria de D. Orlando Dotti –, o que podemos destacar é o que segue. Para iniciar, uma pergunta: por que a Cáritas se pergunta sobre a dimensão profética de sua missão? A resposta exige que retomemos a definição de sua missão:

*Promover e animar o serviço da solidariedade ecumênica libertadora, participar da defesa da vida, da organização popular e da construção de um projeto de sociedade a partir dos e das excluídas, contribuindo para a conquista da cidadania plena para todas as pessoas, a caminho do Reino de Deus.*

De fato, a Cáritas não se propõe nenhum tipo de solidariedade assistencialista, compensatória, apaziguadora dos conflitos e contradições sociais. Mesmo não falando em revolução, ela relaciona seus trabalhos com a construção de um projeto de sociedade a partir dos excluídos e excluídas, a caminho do Reino de Deus. Muito provavelmente, aqui está sua profecia: anunciar, com ações e palavras, e especialmente com a conquista da cidadania plena para todas as pessoas, que o projeto de sociedade deve contar com a participação dos excluídos e excluídas, e que ele deve conter qualidades que o liguem ao Reino de Deus. Trata-se de uma missão que mexe com as estruturas da sociedade e com a cultura de dominação.

---

<sup>2</sup> Pe. Benedito Ferraro é teólogo engajado nos movimentos populares de Campinas, Estado de São Paulo.

### *A libertação como profecia*

A libertação que a Cáritas busca, nos lembra Pe. Ferraro, retomando Enrique Dussel, deve ter, para ser verdadeira, as seguintes dimensões: econômica, política, cultural, pedagógica, erótico-sexual, litúrgica e ecológica, e deve provocar mudanças nas relações de classe, de gênero, de etnia e ecológicas. Provavelmente, é isso que a Cáritas busca quando se propõe ir na direção de uma solidariedade ecumênica libertadora: realizar uma transformação do mundo a partir da *compaixão* testemunhada por Jesus – essa dor de entranhas, de parto, junto com a pessoa assumida como o próximo. Ele teve essa atitude de compaixão com o *Zé Povinho*, que os dominantes chamavam de *maldito, que não conhece a Lei*. Jesus foi reconhecido como da família dos profetas exatamente por essa posição, pois o profeta se posiciona contra o Estado dominador, contra o Rei, e se coloca junto ao povo que busca suas origens, em que há a Promessa – de Terra, Bênção e Descendência – e que busca a Terra Prometida. Os profetas ligam-se às e aos mais excluídos, que nos tempos antigos – e talvez hoje, ainda –, são os camponeses.

A profecia retoma a fé exodal – ligada à experiência fundante do Êxodo, a libertação da dominação do Faraó egípcio – com três dimensões:

1) romper com a opressão:

- o profeta vê o fim a partir da História (Isaías 65,17-25);
- o profeta vê a História a partir do fim – apocalíptico (Apocalipse 21,1-7).

2) entrar num projeto alternativo:

- igualitário (hoje, com igualdade nas diferenças – democracia);
- em confronto com o dominante:

*Valores neoliberais:*

Rentabilidade

Competitividade

Lucratividade

*Nossos valores:*

Gratuidade

Solidariedade

Partilha

3) aceitar Javé como o Deus verdadeiro: o Deus do Reino, Libertador.

Estas características se exigem reciprocamente.

Nessa direção, a dimensão profética da Cáritas se realiza em seus trabalhos para difundir os valores do Reino, ajudando a mudar o modo de julgar, o modo de pensar, a visão, possibilitando a *metanoia*, a conversão profunda.

Só é possível assumir a profecia se temos uma visão de ser humano e de história que deixa o futuro sempre em aberto. Tudo está em constante movimento, em transformação. Constatadas as contradições de classe, em vez de propor apenas correções, a Bíblia nos provoca a fazer opção pelos pobres, a optar pela perspectiva de comunidade com eles significa assumir os conflitos decorrentes. A opção pelos pobres é fundante: sem ela, perdemos os fundamentos da relação com Deus. A promessa da terra em que corre leite e mel é algo que se realiza permanentemente, e não apenas num determinado momento; por exemplo, para quem não tem moradia, conquistar casa é motivo de intensa alegria... Os avanços mais significativos são os que se referem ao *ser gente*, desde que não se perca de vista a necessidade de enfrentar as contradições de classe.

A dinâmica da libertação se dá, ao mesmo tempo, no social e no pessoal. Há muitas opressões a serem superadas, a começar em casa, pelas relações entre pais e filhos, entre mulheres e homens... Tudo isso faz parte do processo de libertação.

A profecia é o lado político da ação. Não basta ter intenção ou vontade de modificar as coisas; é preciso estratégia e táticas. A utopia é o horizonte das ações: nunca é alcançada, nunca se realiza plenamente. Mas as conquistas, de modo especial as coletivas, são avanços reais, mesmo se ainda persistem ou nascem novas contradições – estas deverão ser enfrentadas em outras práticas.

Como, nesses processos, acontecem muitas derrotas, e até fracassos, temos necessidade de *mística*. Ela é a nossa ligação com a utopia; é a força que nos faz retomar o projeto e seus fundamentos, que dão base à nossa esperança. De fato, é duro, e até perigoso, assumir a história com os excluídos.

### ***Ter Jesus como exemplo***

Temos em Jesus o melhor exemplo de como sermos profetas. Ele é um homem que revela a Deus por meio de sua prática humana. Para isso, ele aprendeu das tradições e iniciativas de seu povo. Ele é gente como nós e teve de fazer opções, teve de aprender. É o homem da liberdade, que acolhe a todos e todas e vai até o fim em sua opção. Por que foi crucificado? Porque tinha

paixão pelos excluídos e excluídas e foi fiel a Deus por meio do amor a eles e elas em vista da libertação que leva ao Reino.

Os que têm consciência crítica, e de forma coletiva, são um incômodo em qualquer lugar. Apontam caminhos alternativos. É assim que devem ser as pastorais sociais: delas devem nascer novas organizações populares capazes de gerar e propor alternativas. É assim que deve ser a Cáritas.

O caminho seguido por Jesus confunde a todos e todas que esperavam a presença de um Messias que substituísse os seres humanos, fazendo justiça com seus poderes, tornando-se um poderoso senhor no lugar dos dominadores tradicionais. Ele é como os profetas: provoca a consciência do povo, realiza sinais de como se pode agir e convoca o próprio povo a assumir sua história. O que ele pratica e anuncia como caminho é a radicalidade do amor assumido como realização da liberdade. É uma proposta tão perigosa que lhe valeu o ódio de todos os que confiavam em seu poder, e não queriam perdê-lo, a começar dos que dominavam as instituições religiosas e se mantinham por meio do controle e da corrupção da Lei.

A missão profética consiste, segundo Jesus, em anunciar que Deus ama a humanidade e a quer como protagonista da sua história; é um Deus que, por amor, respeita a liberdade das filhas e filhos, mesmo quando a escolha de caminhos e projetos afasta a humanidade de sua própria realização. Ser profeta, nesse caso, significa denunciar o equívoco ou o erro, indicar claramente as consequências do egoísmo, chamando a atenção para os frutos amargos que ele gerará para tantas pessoas, mas sem condenar de imediato os que assim agem; afinal, sempre podem acontecer arrependimentos e conversões, e o Pai está sempre esperançoso pela volta dos filhos pródigos (Lc 15,11-32). Ser profeta significa, acima de tudo, anunciar, com palavras e com a vida, que Deus conta com os que são considerados últimos, fracos, inúteis, pecadores, como a força maior, os primeiros entre os protagonistas do mundo novo, do Reino que vai acontecendo no meio dos povos em cada tempo e lugar. São os primeiros no amor e na iniciativa de Deus porque é deles que vem a possibilidade de um mundo para todas as pessoas: seu coração, de tão desprendido, até mesmo pela discriminação e pela violência opressora, é capaz de acolher a todos e todas, desde que seja libertado da presença de seus dominadores em sua própria mente. Assumir a missão profética cristã significa assumir os empobrecidos como os primeiros evangelizadores, pois para eles Deus revelou os segredos do Reino (Lc 10,21-24).

No mundo de hoje, a profecia cristã não significa repetir palavras ou gestos de Jesus como lembrança do passado. A profecia acontece na atualização da prática e da mensagem de Jesus: anunciar e revelar, por ações e por palavras, o amor de Deus presente na história do nosso

povo, anunciando aos empobrecidos de hoje, e segundo o jeito de cada povo, as Boas Notícias que estão acontecendo na atualidade, revelando o que elas sinalizam como caminho para se chegar ao Reino, já presente e muito incompleto, em construção permanente.

### *A profecia na Cáritas*

Diante do que vimos a respeito da missão profética, vamos examinar, com ajuda do D. Orlando Dotti, o testemunho e a prática da Cáritas: quais os gestos, os sinais de presença da Cáritas que podem ser classificados de proféticos? Ou ainda, em que medida o cotidiano de Cáritas é profético?

O profeta se move pela paixão. Com que paixão assumimos a missão de Cáritas? Parecemos mais com eficientes profissionais ou com “apaixonados” por uma causa? A causa em questão tem por objeto a pessoa humana, especialmente a mais frágil e empobrecida. Como Jesus fez. Será que a Cáritas não corre o risco de dar mais tempo à burocracia do que às ações junto aos e às excluídas?

Afirmamos que a “mística da Cáritas é a caridade libertadora”. Como cristãos, devemos nos identificar com Cristo, que se identificou com os pobres. Pode-se caminhar para a identificação com os pobres a partir de uma paixão por Jesus Cristo. Porém, o itinerário para Deus é quase sempre o inverso: é indutivo. São Martinho, repartindo seu manto com o pobre, encontrou Cristo. São Francisco, acolhendo o leproso, encontrou, no dizer dele mesmo, a salvação.

Já fizemos esta experiência com o pobre? A caridade libertadora exige despreendimento e espírito de pobreza. É amor e não apenas filantropia. Caridade autêntica é gratuita e desinteressada. Sem essa mística da caridade libertadora, que deve impregnar todo o agente de Cáritas, não há profetismo. Será como um sino que ecoa, mas não tem alma... (1Cor 13,1-13). É importante lembrar que há muita gente que vive a caridade libertadora em tudo o que faz sem ser membro da Cáritas.

Armados com essa mística, podemos afirmar que há na Cáritas atividades, presenças e gestos carregados de profetismo. Serão ações que outros também fazem, mas não com o mesmo profetismo. Destaquemos alguns gestos que podem ter uma dimensão profética.

a) *Economia popular solidária*

A economia de mercado é essencialmente anti-solidária. Onde o lucro é motor da economia não sobra lugar para a solidariedade. Por razões que não vêm ao caso, a economia de mercado visa apenas de 20 a 30% dos consumidores. Também, por força da ganância, a economia de mercado é altamente predatória e poluidora da natureza.

É visível o profetismo da economia solidária quando propõe uma alternativa baseada em processos coletivos de produção dentro de um modelo de desenvolvimento sustentável e solidário. Esse tipo de economia não casa com a de mercado. Apostar nela, contra a corrente, é apostar nos pequenos, é acreditar que há uma outra economia possível que não faz parte dos tratados de economia das universidades: é ser profeta.

O modelo alternativo dessa economia popular solidária, “não visa modernização dos padrões de consumo, mas atender às necessidades básicas da população”. Isso é profético. A meta desse tipo de economia é sempre a pessoa, o humano. A única maneira para ser ético é voltar-se para o ser humano. Esta é uma economia ética. Uma economia popular solidária não precisa ser necessariamente “macro”. Pelo contrário, deve ser um processo feito de experiências econômicas no “micro”, ampliando-se a partir daí. Essas experiências são proféticas e são sinais de esperança para quem vive à margem da economia global.

Quem participa da Economia Solidária se alegra e se entusiasma porque crê que algo novo está emergindo para o bem de todos. Esse novo é uma cultura de solidariedade. Toda a produção agroecológica, as associações de catadores de papel e de recicladores de materiais são fruto dessa Economia que se opõe profeticamente ao sistema vigente.

Se olharmos para a quantidade de projetos alternativos no Rio Grande do Sul entre 1986 e 2001, temos um número expressivo: 1.035. Qual terá sido o impacto causado na sociedade capitalista com essas alternativas de produção? Certamente não muito grande.

Do ponto de vista qualitativo, contudo, afirma-se com precisão que eles criam um contexto gerador de cidadania popular e solidária (= concidadania), aumentam a consciência social e política. E confirmam que é possível uma nova forma de produção: associativa e popular. Desmistificam a repetida afirmação de que quem sabe é o doutor, de que quem manda é o que estudou, e que os demais, quando muito podem ser mão-de-obra.

O profetismo dos Projetos Alternativos Comunitários (PACs) está em apostar no pequeno organizado, sujeito de autopromoção. Os PACs são possíveis dentro da ética da solidariedade. A

solidariedade é certamente o oráculo que o mundo mais precisa ouvir hoje. Os profetas nunca contaram com os reis; contaram com o povo.

As mudanças efetivas vêm debaixo para cima. Dentre os PACs, quais os de maior visibilidade profética?

*b) Construção e conquista de relações democráticas e políticas públicas*

Pela constituição de 1988, a sociedade civil é chamada a participar. É a Constituição Cidadã. Que critérios ou características de profetismo se aplicam a quem entra no campo da construção da democracia participativa? E quem ocupa o espaço das políticas públicas terá algo de profético ou, quem sabe, alia-se ao poder constituído, quase sempre contestado pelos profetas? Como ser profeta, como ser agente de Cáritas no engajamento em políticas públicas através de Fóruns, Conselhos, Conferências...?

*c) Participação nas lutas populares*

Destaco três delas, como paradigmáticas, em que se acentua o profetismo da Cáritas:

1) Plebiscito sobre a dívida externa

É a expressão profética de que não se aceita o jugo do poder externo. Para o povo hebreu, a dominação vinha do Egito, da Babilônia. Eram o faraó e Nabucodonosor. Fomos nós capazes de detectar os atuais inimigos de nosso povo, do povo que desejamos livre e não escravo? O plebiscito da dívida externa desmascarou os reais objetivos do endividamento dos países emergentes?

2) Plebiscito sobre a ALCA

Conseguimos mobilizar a população para votar contra um projeto e contra um acordo vantajoso para os ricos e prejudicial aos já empobrecidos. Fizemos ver o lado perverso da ALCA? Ou fizemos um discurso de oposições?

3) Coleta de assinaturas para limitar a propriedade da terra no Brasil

A causa é fundamental. O problema da terra foi constantemente exposto pelos profetas Isaías e Amós: “Ai de vós que juntais...” E o oráculo de Amós, o agricultor: “Ouvi isto. Vós que engolis o pobre e fazeis perecer os humildes da terra, dizendo: quando passará a lua nova para



vendermos o nosso trigo... e compraremos os necessitados por dinheiro e os pobres por um par de sandálias” (Amós 8,4-6).

Se nossa campanha de coleta de assinaturas não atingir o coração, não terá a força da profecia. É preciso desmascarar os falsos pressupostos da grande propriedade, sua origem obscura, sua ilegitimidade. A grande propriedade, por ser legal, pode ter um índice de produtividade compatível com os melhores padrões. Apesar de tudo, ela é ilegítima na medida em que o direito universal à propriedade não se estende a todos porque uns tem demais. É preciso globalizar o direito à propriedade contra o direito da propriedade. Sinceramente, é preciso urgentemente resgatar a profecia.

### ***Oração profética de Maria***

Poderíamos concluir esta parte assumindo o *Magnificat*, de Maria, mãe de Jesus, como um bom exemplo de Oração Profética (Lc. 46-55), expressão da mística que anima a sua vida. É importante lembrar a situação de risco em que se encontrava, na relação com José, na possível condenação popular por uma gravidez inesperada. Mas sua comunhão com a esperança do povo, que desejava um salvador como o Semi-Árido anseia por chuvas, e sua confiança na Palavra do Deus fiel e libertador foram muito maiores, e ela decidiu correr todos os riscos. Nesse momento, ela ora ao Senhor, ligando a situação presente com a memória do passado, em que reencontra a promessa e a aliança, e celebra antecipadamente o que virá de novo, de libertação, de justiça, pela força da nova presença do Libertador. As mudanças serão radicais: os poderosos são derrubados dos tronos, os humildes serão exaltados; os ricos são mandados embora de mãos vazias, enquanto os famintos serão cumulados de bens. É a oração da mulher pobre, escolhida para ser mãe do Deus que decidiu fazer-se um de nós na situação dos empobrecidos, plenamente confiada na força do Deus Libertador e, ao mesmo tempo, plenamente participante, capaz de comprometer, livremente, toda sua existência em favor da libertação do seu povo.

Que o Senhor dê a todos que somos agentes da Cáritas esta prática, esta mística e esta espiritualidade profética!

## 2.2 – Ser do Povo de Deus

### *Escolher a vida e não a morte*

Os Regionais do Ceará, Nordeste 2 e Nordeste 3, que aprofundaram a temática *a Cáritas e os diferentes modos de ser igreja*, assessorados pelo Pe. Ermano Allegri,<sup>3</sup> fizeram bem em começar por uma meditação sobre a contraposição entre o *Projeto de Javé* e o *Projeto dos Ídolos*. Iluminados pela memória dessa luta constante, presente na Bíblia, mas olhando a realidade em que vivemos, esse é um bom ponto de partida para refletir sobre o sentido da Igreja no mundo de hoje, sobre a relação da Cáritas com ela, centrando tudo na dimensão da mística e da espiritualidade.

Vistos como projeto de vida e de morte – o de Javé e o dos ídolos, respectivamente –, percebeu-se que os sinais de morte e de vida não aparecem separados, de forma pura; a realidade atual é complexa e nela os dois projetos aparecem misturados. Isso exige, de imediato, um cuidado crítico, uma leitura atenta, um esforço renovado de discernimento. Pode-se dizer que o Projeto de Javé, de vida, faz-se presente em *projetos que saciam as necessidades*, que têm, entre outras, as seguintes características: partilha, repartição, convivência com o ecossistema, gratuidade, amor, respeito à identidade cultural dos povos, solidariedade, valorização do ser humano; são projetos em que se promove a reforma agrária e a comercialização com outros valores que não os de mercado; vive-se, por isso, uma espiritualidade que provoca auto-avaliação, e o poder deve ser colocado a serviço de todos.

O Projeto dos Ídolos, de morte, faz-se presente em *projetos que produzem exclusão*, e têm, entre outras, estas características: egoísmo, destruição, exploração da vida, imposição e aniquilamento dos povos, solidão, transformação do ser humano em mercadoria, sacralização do mercado, latifúndio; religião de conformismo, de fuga e compensação; o poder é de dominação, que considera normal a morte dos excluídos.

O Projeto de Deus está ligado à construção de um *Reino* de justiça, liberdade, cidadania, compaixão, ética, enfrentamento de conflitos. É algo a ser descoberto permanentemente e está em construção, sinalizado em ações e no testemunho de pessoas como D. Hélder, por exemplo.

O Projeto de Deus é o que *coloca a vida no centro*, e por isso, é a escolha dos empobrecidos, dos restos; é a redescoberta de um Deus que anda com seu povo; é uma ação que

---

<sup>3</sup> Pe. Ermano Allegri vive em Fortaleza, Estado do Ceará, e coordena a ADITAL, uma agência de notícias latino-americana ligada aos movimentos sociais populares.

provoca justiça e respeita a liberdade; provoca o surgimento de profetas e profetizas – é memória, denúncia e anúncio.

Já o Projeto dos Ídolos é produto de deuses criados para justificar as várias formas de dominação; é fonte de conflitos de poder a partir do confronto de visões da acumulação e da propriedade; ele submete as pessoas ao terrorismo, e também com rituais religiosos. Frente às contradições da realidade por causa dos novos ídolos, é fundamental praticar uma pedagogia que ajude a alertar, a abrir os olhos em relação às propostas idolátricas, que são apresentadas de forma disfarçada.

Outra maneira de encarar essa *guerra de deuses* é ter presente que o conflito está diretamente associado à transformação e que a espiritualidade se manifesta no meio da vida do povo, pois ela é celebração da vida, e, por isso, expressão do Reino de Deus e construção do Projeto de Javé no dia-a-dia. Vivemos num tempo positivo, pois podemos desconstruir o Projeto dos Ídolos, assumindo novos compromissos em relação aos que irão atuar em instituições governamentais, vivendo no cotidiano a aventura de ir construindo o Reino de Deus.

A espiritualidade do Reino está na vida do povo sempre que ele deseja e procura mudar a realidade. Vivemos, hoje, uma ruptura política em nosso país, e ela é fruto de uma construção que dura pelo menos 30 anos. Por outro lado, devemos ter o cuidado de não pensar que os outros estão sempre enganados, que são de imediato ligados aos ídolos. Ao redor de cada ídolo há uma teologia, como se percebe em relação ao neoliberalismo, e ela precisa ser desmascarada. De fato, muitas vezes o opressor pode invadir o oprimido, mudando sua visão, e isso exige uma espiritualidade de purificação; temos em nós o pecado original: o uso do poder para dominar sobre as pessoas e sobre a natureza. O poder, ao querer ser deus, quebra, desmorona, mesmo quando praticado na igreja.

### ***Ser membro do Povo de Deus***

Existe uma série de expressões que tentam dar conta de diferentes modelos de igreja: Povo de Deus, vindo do Concílio Vaticano II; igreja institucional; igreja dos pobres; participativa; comunidade de fé; Comunidades Eclesiais de Base (CEBs); sacramental; libertadora; romana; conservadora; evangélica; piramidal... Cada uma delas tem seu sentido, mas o importante, para nós, é nos darmos conta de que, para sermos de Pastorais Sociais, algumas dessas expressões não servem de jeito nenhum.

Olhando a história brasileira, percebemos que a prática antecedeu a teoria. Não é a teologia que cria: ela reconhece e ajuda a compreender a ação do Espírito. E a experiência indica que está nascendo algo original, uma nova realidade. Por que essa originalidade? Na realidade marcada pela miséria e pela dominação ditatorial, a Igreja assume uma posição nova, apoiando iniciativas de luta pela libertação. Libertação significa a atenção a muitas dimensões da vida pessoal e social, sempre na perspectiva da transformação política. As CEBs nascem no contexto social de contestação da ordem.

De fato a religião pode levar à libertação ou à submissão. Para nós, a Igreja encarna um projeto de vida e de sociedade. O Vaticano II teve como maior originalidade uma nova visão de Igreja: a de ser Povo de Deus entre diferentes povos. O opção foi a de abandonar a perspectiva piramidal, dominante há mais de mil anos. A nova forma de ser igreja nasce da auto-análise e da análise de realidade do mundo, tanto para perceber o que existe de boa notícia, quanto para perceber o que contradiz o projeto de Deus com a humanidade e que precisa ser denunciado e superado. E ela fez belos passos nessa direção: enfrentou a tempestade que havia no mundo. Mas, aos poucos, ao ficar com medo dos ventos, em vez de fazer como o apóstolo Pedro e invocar confiantemente o Senhor para *andar sobre as águas* (Mt 14, 22-33), preferiu retomar a tranqüilidade do velho barco. Passou a olhar mais para si mesma, desconfiada e com medo da participação livre dos seguidores de Jesus. E os setores mais conservadores conseguiram substituir a perspectiva de Povo de Deus pela perspectiva de *comunhão*, retirando o que lhe estava dando novo elã no contato com os povos concretos do Planeta. O grande risco é o de abandonar a realidade de ser um povo histórico, presente no tempo e no espaço, carregado de qualidades e limites, mas sempre portador da mensagem revolucionária de Jesus; um povo que aprende com os demais, descobrindo neles o que Deus já foi fazendo em suas vida e alegrando-se com isso, e colaborando, com seu exemplo e sua mensagem, para que cada povo encontre o melhor caminho para ir participando da construção do Reino, que é para toda a humanidade.

Para que a Igreja possa ser sal e luz para o mundo, é preciso encarar os desafios presentes na realidade do mundo. Sem isso, pode-se chegar à situação atual: não ter uma palavra adequada, que faça sentido, que ajude o mundo a se transformar.

Alguns desafios, olhando a realidade da própria Igreja:

1) ***Exercício da autoridade*** – Já vem da maneira de sua escolha. Como já crescemos e adquirimos condições de ter responsabilidade, não se pode aceitar a imposição de bispos e padres que não servem ao crescimento da vida comunitária e para caminhar como Povo de Deus. É

urgente enfrentar isso, pois muita gente está decepcionada com a Igreja por causa dessa situação. Achar que tudo que cada bispo ou padre diz é a última palavra, não é aceitável nem evangélico.

Por outro lado, por quanto tempo a autoridade eclesiástica se casou com a autoridade política, quase sempre injusta – como, num caso extremo, com o ditador Pinochet? O desafio é ser como Jesus, que lavou os pés dos discípulos (Jo 13) e sugere: *entre vocês não pode haver relações como as existentes entre os poderosos, que dominam uns sobre os outros; ao contrário, sejam todos irmãos e irmãs uns dos outros* (Lc 22,24-26).

Imaginemos como seria diferente se, aos 75 anos, também o papa renunciasse, e se os bispos renunciassem às pompas, externas e internas... Parece que não foi suficiente um Concílio para mudar tudo. O processo continua, contudo, e com grande diversidade de lutas...

2) **Centralismo** – Tudo é feito a partir do Vaticano, novamente numa perspectiva de dominação. Isso significa a perda da capacidade de relacionar-se com e de valorizar as culturas e, ao mesmo tempo, o impedimento de que as Igrejas Particulares cresçam, bem como cada um dos membros do Povo de Deus. Os próprios bispos não crescem: só repetem, citam a autoridade superior. O centralismo leva todas as igrejas locais a serem iguais, nos centros e nas periferias urbanas. Não consegue conviver com Conferências Episcopais, pois até mesmo a prática do colegiado dos apóstolos é temida e evitada.

3) **Ecumenismo** – Fala-se, hoje, de macroecumenismo: o reconhecimento, o encontro de tudo o que é valor de humanidade, realizado por cristãos e por membros de outras religiões. A reafirmação da igreja Católica como única verdadeira, infalível, é uma atitude absurda. Nós precisamos dos valores dos outros, pois o Espírito de Deus age nos povos e nas pessoas antes de nós. Quem gosta dessa posição de exclusividade são os fundamentalismos!

4) **Presbíteros** – Pelo que se percebe, a formação deles retrocedeu cinquenta anos. Já é mais do que tempo de rever a exclusividade do celibato como critério de vocação.

5) **Mulher** – É urgente superar a discriminação, reconhecendo seu pleno direito à participação eclesial, de modo especial nos processos decisórios, inclusive no exercício do presbiterato.

6) **Família** – É urgente rever e reelaborar, e com participação dos casais, a moral sexual e o sentido da procriação.

7) **Vida religiosa** – Qual o seu sentido no mundo atual? Ser um reforço ou substituição dos presbíteros nas paróquias? Está aí mais um grande desafio: buscar o sentido do testemunho da vida religiosa consagrada.

8) **Paróquias e dioceses** – Não se pode continuar com esse critério de organização, meramente geográfico, hoje, já que sua referência ao político não mais existe, ficou no passado. A dinâmica das sociedades, o mundo das grandes metrópoles, as necessidades do Povo de Deus exigem novas formas de organização.

Por outro lado, do mundo atual nos vêm outros tantos desafios:

1) **A escolha dos pobres** – É cada vez maior a separação entre ricos e pobres. Diante disso, assumir a sorte dos pobres é assumir um Projeto de Libertação. Jesus fez isso: *O Espírito (...) me enviou para libertar...* Assumiu a posição, a teologia e a prática dos profetas. A prova maior de nossa fidelidade a Jesus é a nossa relação com os pobres e com as causas políticas deles. Como não definir-se diante da criação de uma quase subumanidade? Nessa direção, nada de acrescentar *preferencial, evangélica, não exclusiva* à opção pelos pobres (Puebla 1979).

O Projeto de Libertação é histórico – realiza-se na única e concreta história de cada povo e da humanidade. Nessa direção, ou o Mutirão pela Superação da Miséria e da Fome, proposto pela CNBB, entra no projeto político, ou não andar. Nada se faz isolado, com ilusória auto-suficiência; cresce a consciência e a prática de atuação em rede, valorizando parcerias. Por outro lado, é indispensável a coerência entre o modo de vida pessoal e o projeto anunciado.

2) **Desmistificar o discurso teológico ligado ao discurso único neoliberal** – É o discurso que procura justificar o poder único mundial. É fundamental trabalhar na direção de fazer uma Teologia da História: Deus andou ao lado dos escravos, no Egito; onde está ele, hoje? Com quem age? O que está fortalecendo? Ao refletir nessa direção, podemos adquirir a capacidade de julgar como Deus julga. E começar com o *servo de Javé*, o considerado verme, chagado... pois ele é o que julga nossa prática.

Outra face do mesmo desafio é o de desenvolvermos uma Atitude Contemplativa: sermos contemplativos nas estradas do mundo, como escreve Charles de Foucauld.

3) **Trabalhar as consciências** – O trabalho da mídia, hoje, serve ao bem ou ao mal, idolatra ou destrói pessoas, iniciativas... Diante do exemplo do rapaz que, ao treinar pilotos de caças de guerra na Bolívia, disse que o que mata é a máquina e não o piloto(!), o que devemos fazer para

que apareçam os novos pecados? Um cristão pode fazer isso: ser piloto de máquinas de guerra? Ou ser gerente de um banco especulador?

Como trabalhar a consciência das pessoas? É preciso repensar a ética – e se a Igreja não fizer isso, quem o fará? Ela não pode ser algo moralista, e sim resposta aos desafios do mundo de hoje: ética na economia; ética na comunicação; ética na política; ética nas relações pessoais.

4) **Retomada do processo conciliar** – Não para fazer outro Concílio, mas para ir gerando uma resposta ao mundo globalizado. Trata-se de uma atitude profunda, de mudança necessária para que a Igreja seja de fato testemunho de Jesus. É importante irmos superando a prática de só utilizar a palavra *igreja* para nos referirmos à Igreja oficial, eclesiástica, romana. A nós, que assumimos a Igreja como Povo de Deus, com a dinâmica das CEBs, com participação fraterna e co-responsabilidade, cabe a responsabilidade de irmos fazendo o processo de mudança. E não a irresponsabilidade de ficar esperando!

### ***Valores e espiritualidade***

As reflexões seguintes foram fruto da contribuição de muitos participantes, provocados pela pergunta: *diante dos desafios no interior da Igreja e dos que vêm do mundo, que valores e que tipo de espiritualidade precisamos assumir como Cáritas?*

Se examinamos nossa prática, pessoal e da Cáritas, percebe-se uma mudança: já se escutam mais os desafios que vêm de fora, do mundo. É preciso firmar nossa escolha dos pobres: superando o assistencialismo; cuidando da vida, para que ela se refaça; tendo verdadeira compaixão, essa atitude de quem sofre junto e deseja sair da situação; ligação inteira com as pessoas. Vivemos inquietos, buscando dar um testemunho de fidelidade. O fundamental é assumirmos a perspectiva de construir com os excluídos, respeitando a vida, promovendo a cultura da solidariedade, sendo ecumênicos, isto é, abertos para a valorização de outras expressões de fé e de vida.

Os valores assumidos não podem afastar-nos da Missão da Cáritas. Mas devemos perguntar-nos: como os problemas internos da igreja interferem na vivência da nossa espiritualidade de Cáritas? Eles são, certamente, obstáculos e interferem na escolha de nossos valores. Mas há também valores positivos nas instâncias eclesiais. Vive-se um processo em que se promove a unidade na diversidade, e nele devemos acreditar que as instâncias mais democráticas, como as comissões, os conselhos, podem ajudar para um avanço positivo.

De toda maneira, isso tudo levanta a questão: o que é poder, para nós? Como é possível uma metodologia na qual o poder tem exercício democrático horizontalizado? Nossa resposta, e nosso testemunho, deveriam andar na direção de ser: doação ao projeto de libertação, serviço, carisma, compromisso, testemunho.

De forma resumida, podemos sugerir alguns valores essenciais: ética e moral com referencial cristão; cultivo do pessoal, e não só das ações, dos projetos; respeito à dignidade da pessoa; liberdade; democracia; respeito à individualidade, inclusive nas opções religiosas; direito à vida de todos os seres criados; cuidado com o meio ambiente; amor ao próximo; opção pelos pobres; cuidado com a pessoa e com a natureza; solidariedade, valorização das diferenças culturais, étnicas, raciais, de gênero, de idade...

Tendo tudo isso presente, nossa espiritualidade deverá ser:

- a) libertadora, sociotransformadora, contextualizada, atenta aos e inspirada nos novos apelos que vêm da sociedade a partir dos excluídos;
- b) integradora das diversas dimensões da vida, superando dicotomias;
- c) alegre, vivencial, vibrante, que mantenha o vigor, o compromisso;
- d) com atitude contemplativa e renovadora da prática;
- e) ligada e integrada à nossa vida e à nossa prática;
- f) que aprofunde a escuta ecumênica;
- g) que seja vivência conjunta com os excluídos.

Todas essas características levaram a refletir sobre a complexidade da ação da Cáritas – e para perceber isso, basta ter presente a Missão. Por isso, o fundamental está numa atitude de leitura e releitura constante da Missão e da prática: precisamos combinar tempo de atividade com tempo de contemplação, tempo de graça. Por outro lado, isso nos leva a ter uma atitude de maior abertura na relação com as Pastorais Sociais, com o objetivo de uma vivência comum que contribua para a animação da ação social da Igreja.

### ***Reino e Igreja***

Nossa relação primeira é com o Reino, e não com a Igreja. Mesmo quando se celebra, em comunidade eclesial, é o avanço do Reino que se festeja.



As Pastorais Sociais e a Cáritas, quando agem na perspectiva libertadora, chocam a Igreja e a sociedade, da mesma forma que aconteceu com Jesus e com seus discípulos: elas levantam e jogam para o público a realidade e os desafios ligados à Terra, ao Trabalho, à Fome, à Exclusão...

Mas precisamos ver, e com alegria, as sementes que estão germinando. Em Porto Alegre, no terceiro Fórum Social Mundial, pessoas de 132 países se deram conta que estavam condenando e combatendo o pensamento único neoliberal, e lá estavam germinando frutos de muitas sementes, também as semeadas pela Igreja... Há germinações em toda a América Latina. Mesmo marcada fortemente por traços negativos, destruidores e de morte, está acontecendo um *kairós do Espírito* na História.

Precisamos estar atentos aos acontecimentos e envolver-nos em frentes de excluídos, pois isso é oportunidade de conversão. Por exemplo, escutar o apelo e apoiar a articulação dos catadores e catadoras. Não escutá-los é não escutar a Deus.

Espiritualidade não é só o tempo que a gente se dá; é também o tempo que a gente dá para a construção do Reino com os outros, com os excluídos.

## **2.3 – Espiritualidade do conflito**

### ***Luzes que vêm da Palavra***

Com a assessoria do Pe. Primo,<sup>4</sup> o encontro de agentes dos Regionais da Cáritas do Pará, Maranhão e Piauí, realizado em outubro de 2002, começou com uma reflexão sobre a experiência de Pedro e João, apóstolos, na relação com o coxo, que era trazido por pessoas para perto do Templo (Atos 3,1-10). Com que intenções o traziam? Não se sabe, mas parece que não eram marcadas pela misericórdia. Pedro e João estão interessados pela pessoa: ao receberem o tradicional pedido de esmola, eles olham para o coxo e pedem que ele os olhe também. Tomaram uma atitude, evitando dar uma esmola como desobriga. Ele olhou para eles, esperando receber alguma esmola especial. Aí Pedro fala: *Não tenho nem ouro nem prata, o que eu tenho, eu te dou: em nome de Cristo nazareno, anda!* (Atos 3,6). Com isso, Pedro nos diz que o mais

---

<sup>4</sup> Pe. Primo é Comboniano, reside e trabalha em pastoral em Teresina, Estado do Piauí.

importante não são os bens, as riquezas, nem para ajudar nem para ser ajudado. Ele se firma na certeza/esperança de que Jesus Cristo é uma força transformadora: dá dignidade ao necessitado. Os apóstolos, contudo, não apenas pediram que o coxo se levantasse e andasse, mas tomaram sua mão direita e o ergueram.

Que não tenhamos medo de anunciar Jesus, pois nisto aqui está o fundamento da ação da Cáritas: a fé em Jesus, a satisfação do desejo de paz e compromisso. O importante é que seja introduzida uma prática nova, diferente, como fizeram os apóstolos: que o coxo se levante, ande com a gente para louvar a Deus.

Pedro e João personificam a Igreja, em que Jesus continua agindo. Nós somos Igreja e temos em Jesus a pedra angular. É importante sentir-se ligado a esse ideal que Jesus quer que a Igreja seja, mesmo se vejo motivos para criticar até o papa ou outros que falham...

O coxo personifica a sociedade, em que tantos são colocados em situação de extrema necessidade pelas estruturas, pelo pecado social. O *ouro e a prata*, muito concentrados, são fonte de novas exclusões.

Só no nome de Jesus se faz a libertação, se anda no caminho da construção do Reino. Não basta louvar, gritar o seu nome. Ele veio para libertar, e nós também. Se toda nossa Igreja decidisse só entrar nos templos quando os excluídos, como o coxo, estivessem em condição de andar e louvar com ela, o que não aconteceria em nossa realidade?

Com a luz da palavra do profeta Ageu (1,1-15) podemos dar-nos conta de que, se nos esquecemos do protagonismo de Deus, podemos cair num ativismo que produz poucos frutos e não satisfaz a ninguém. No exílio, todos tinham saudades da sua terra e pediam ao Senhor que os libertasse; chegando de volta, cada um cuida do seu e esquecem de Deus. O profeta chama a atenção e eles reconstróem o Templo. Não pode acontecer conosco a mesma coisa? Não fica cada um achando que será capaz de levar sozinho os empobrecidos para a nova realidade? Na verdade, só com Jesus, que anda com a gente, poderemos convocar, provocar os pobres a caminharem, assumindo seu caminho para a felicidade. O mesmo Templo, então reconstruído como casa do Senhor e como fonte de união do povo, tornou-se, depois, uma espelunca de ladrões (Jo 13,22).

No encontro de Jesus com a samaritana, contudo, o debate sobre o templo é ultrapassado: os adoradores verdadeiros adorarão a Deus em espírito e verdade, e em qualquer lugar. Em quem identificar o próprio corpo com o de Cristo Jesus, aí estará o lugar da adoração.

Vale a pena entrar, com Lucas, no Evangelho do anúncio misericordioso do amor de Deus para todos os povos, especialmente para os empobrecidos, onde encontramos a escolha da missão de Jesus: *O Espírito me ungiu e enviou para evangelizar os pobres... Hoje se cumpriu...* (Lc 4,16s). Renovar esse anúncio é dizer aos pobres que é neles que se realiza o mistério anunciado em Jesus.

### ***A mensagem da prática***

Precisamos ouvir o que o Senhor nos fala através da vida dos irmãos e da nossa própria vida. Um primeiro grito nos vem dos que estão envolvidos nos conflitos pela posse da terra. Faz parte do nosso dia-a-dia: negociações, manifestações, casas construídas nos assentamentos, plantios de feijão... Sofremos e construímos com eles. Assentados doaram produtos para os acampados. Pessoas que viviam nas cidades voltaram à terra: de uma situação sem perspectivas, conquistaram a vida.

Como Cáritas, procuramos estar na história deles: sendo socorro, advogado, o que precisarem e a gente pode fazer. Tem hora que dá revolta: quando se vê os investigadores com carros com ar condicionado e os sem-terra, recém-libertados, voltando em carro de animais!

É no conflito que a gente vai se encontrando: é situação que nos toca muito. Mas nos assentamentos, as alegrias deles são a nossa força para seguir caminhando. Hoje eles estão com um rumo na vida, e isso nos dá força. Nossa luta tem sentido, e é dela que vem alimento para a nossa espiritualidade. Na verdade, relemos nossa prática a partir da luz que nos vem do episódio da Vinha de Nabot: Deus fica do lado do que é perseguido e causa desgraça ao que age com injustiça e violência; ao matar Nabot para tomar sua vinha, Acab retomou o culto aos ídolos... (1Reis 21,1s).

O que dá força e marca a prática em meio aos conflitos é o espírito de família que reina entre nós: na convivência de todo dia, trocando notícias, tomando café juntos, festejando aniversários... Isso dá leveza na caminhada.

Nosso cotidiano não é um paraíso, mas conseguimos superar as diferenças. Isso ajuda a atuar melhor lá fora. Podemos ter idéias diferentes, mas alimentamos a convivência. Também com as demais entidades, procuramos aprender a trabalhar juntos, mesmo quando há visões diferentes. Procuramos evitar as reservas de público, unindo-nos em torno de causas maiores: contra a ALCA, contra a entrega de Alcântara, contra a corrupção, nos conflitos na luta pela terra, pelo cancelamento da dívida externa...

Procuramos construir o Reino aqui e agora. É o que experimentamos como soma de forças no Congresso de Políticas Públicas, na preparação da Romaria de Alcântara, ambos no Maranhão, em que eles são os protagonistas, e nós somos apoio.

O trabalho coletivo com diferentes exige esforço, mas é importante: visão do todo, atuação em Rede, parcerias, participação em fóruns etc., e não ação na forma de *igrejinha*.

No conflitos intra-eclesiais, tristeza e intranquilidade, pena e diálogo. A Igreja era forte no profetismo, até com martírio; até carta de excomunhão foi publicada! A formação do clero era aberta ao social. Agora, constata-se um retrocesso quase em tudo: sentam-se com os que contestavam, e os apoiam. O clero já não é nada do que era.

Nessa confusão, o Espírito ainda nos possibilita fazer o que constrói o Reino. No regional da CNBB do Maranhão, por exemplo, estamos lutando por uma Assembléia do Povo de Deus, ecumênica, com duração de um ano, para ver a realidade, para avaliar a presença de Igreja, para elaborar propostas, para retomar caminhos...

Revivendo cenas do cotidiano, diante de famílias que pedem água, em região semi-árida, alguns casais olham, dizem não ter dinheiro e vão rezar. Três pessoas, contudo, prestam atenção, dão as mãos, levantam, organizam mutirão e constroem cisterna. Os rezadores, ao voltar, admiram-se e se juntam ao mutirão...

Fazendo paralelo ao encontro de Jesus com a samaritana, vale representar que isso pode acontecer, hoje, na beira de uma cisterna, sendo Jesus algum dos muitos retirantes, sem água saudável... Ao pedir água à mulher, é ela que pode descobrir outra água, e tornar-se fonte de água que jorra...

Um senhor de 72 anos, depois de construída a cisterna, não só cuidava da qualidade da água, mas encaminhou a água com que lava a louça para um pomar... E com as frutas, comprou ovelhas... Mudou de vida a partir do *bem precioso. Depois de minha mãe, o maior presente que Deus me deu foi a cisterna...*

### ***Celebração que desperta***

Cantando *Caminheiro, você sabe: não existe caminho. Passo a passo, pouco a pouco, e o caminho se faz...* de repente, um impacto: um vaso de barro cai ao chão e se parte em muitos pedaços e espalha flores que estavam em seu interior. Por quê? Para quê?

Quebrados, muitas vezes; quebrando, tantas outras... Às vezes, paramos aí em volta, sem buscar algo maior... Que fazer? Juntar os cacos, alimentar esperanças... *Vi um novo céu e uma nova terra.*

O que o Espírito fez nascer em nós a partir do gesto do vaso quebrado?

- Lembrei do Josimo, da Margarida, de tantas e tantos mártires, que foram quebrados mas nos deixaram missões.
- Eles, os mártires, me quebraram. E precisei de forças para me recompor... Podemos fazer outro vaso.
- O vaso pode quebrar todo, ou pode quebrar aos poucos, a partir de rachaduras... É bom ter atenção: reconstruir as relações.
- A ruptura é essencial em nossa espiritualidade. Ruptura requer liberdade, força, mas é necessária. A natureza nos coloca na acomodação; se não há alguma coisa que se quebre, a gente não cresce. A gente cresce quando quebra com algo: de imediato, dói; não é gostoso, mas é necessário. Ter a liberdade de ir rompendo, também para poder viver o desafio da construção...
- Quebra do vaso, assusta. Assim é a vida: sustos. De repente, há uma luz, e a gente retoma a caminhada, animada. Vida com altos e baixos, mas Deus está no meio.
- A gente só viu o vaso. As flores, que estavam dentro dele, não se partiram! Os sonhos continuaram e foram partilhados...
- Às vezes, o vaso tem que ser quebrado: a semente, para nascer, precisa morrer. Nas equipes, o vaso envelhece. É preciso quebrar para ver o que há dentro. Espiritualidade é perder o medo de romper com o velho – *tenho que ir ao útero de minha mãe outra vez, para nascer de novo?*, perguntou Nocodemos. A morte é uma das nossas formas de ruptura...
- A espiritualidade acontece quando os cacos são ajuntados, quando a semente é semeada...
- O sonho foi partilhado – é a utopia.

### ***Fontes bíblicas para a espiritualidade no conflito***

Em situação de fome, Paulo faz campanha de ajuda à comunidade de Jerusalém, e a partilha é apresentada como um dever (At 11, 27-30).

A perseguição provoca fugas, mas alguns dos que fugiram passaram a fundar novas comunidades em Antioquia, e será aí que serão chamados, pela primeira vez, de *crístãos* (At 11, 19-26).

Na própria comunidade eclesial, diante da resistência de alguns aos sinais de acolhimento do Espírito por povos diferentes, e diante do desejo de impor costumes judaicos, como a circuncisão, surge o primeiro Concílio para encontrar o melhor caminho. No fim, *o Espírito e nós decidimos não impor cargas...* (At 15,22-29).

Paulo e Barnabé decidem, depois de muito diálogo e trabalho em conjunto, seguir caminhos autônomos como maneira de superar discordâncias em relação à forma de realizar a missão (At 15,36-41).

Jesus sempre teve atitudes surpreendentes em relação à mulher, rompendo com os preconceitos da época. Paulo não é bem assim. Diante da liderança de Lídia, contudo, vendo os sinais do Espírito nela, aceita-a como animadora da comunidade (At 16, 14,15).

Em relação à natureza, tão agredida, vale a admiração de Deus: *e viu que tudo era bom*. (Gen 1 e 2). Em Lucas, encontramos referência ao amor de Deus pelo ser humano, maior ainda que o dedicado às aves... (Lc 12,24). O fundamental, contudo, está na regra de ouro: *amem-se uns aos outros como eu os amei... Ninguém ama mais do que o que dá a sua vida pela pessoa que ama...* (Jo 15,12-13). Por isso, se alguém lembrar que existe uma pessoa que tem algo contra ela, que vá primeiro reconciliar-se com ela, e só depois venha oferecer seu sacrifício (Mt 5,23-24).

Diante de Bush, com sua guerra total, o que fazer? Ser contra, com não-violência ativa, não assumindo formas violentas de ação, pois o Evangelho não as inspira. Mulheres e homens não-violentos têm grandes convicções sobre a humanidade e sobre a primazia de Deus. Basta lembrar D. Hélder, Pedro Casaldáliga...

### *Elementos da mística e da espiritualidade do agente e da agente Cáritas*

Características: escuta, abertura; misericórdia, compaixão; luta por uma transformação da sociedade que possibilite a inclusão de todas as pessoas; senso de justiça; vida fundada na pessoa de Jesus – ser pessoa cristã –, com a variedade de seus sentimentos, práticas – tempo para crianças e dureza com o Templo –, palavras...

Nossa espiritualidade, então, deve ter como qualidades: o sonho e a paixão pelo Reino; a firmeza na relação com a causa maior; o cultivo de si mesmo – cuidado com a saúde, com a família, com o *menor de casa*, com a vida, com as relações com as outras pessoas, com a natureza, com os diferentes...; a valorização da vida, vivenciada em diferentes dimensões, lutando por vida plena; a sabedoria de que é no cair e no levantar que se vai progredindo; o estar calcada na radicalidade social, como Jesus, anunciando boas novas aos pobres; a prática de um cultivo permanente...

Como combinar ruptura – que é passagem para crescimento – com amor? Veja como se amam. A comunidade amadurece, mas ela precisa ter normas de convivência, para superar estrangulamentos. Ambiente de abertura e acolhimento: cada pessoa se abre, se confia, e o conjunto acolhe. A espiritualidade nos coloca em conflito, dentro da Igreja e na sociedade: individualmente, diante da escolha de um projeto; coletivamente, nas rupturas que abrem para a construção de novas relações.

Pontos comuns de nossa espiritualidade: afeto, reverência à Palavra de Deus; que cada um dê o que pode oferecer; vivenciar a espiritualidade coletivamente; amadurecer a relação entre fé e política; paciência em relação ao amadurecimento da outra pessoa; misericórdia; cuidado com a coerência entre o que a gente é e o que a gente fala. Nossa referência deve ser o **ser** e o **agir** de Jesus histórico.

Uma base importante de nossa espiritualidade é a atenção para os valores presentes nas demais pessoas, destacando seu potencial e seu saber. Nossa espiritualidade deve ser carregada de entusiasmo, de perseverança, de teimosia sábia. Sua base está nas atitudes pessoais de solidariedade. Busca o discernimento, seja para acertar nas relações conflituosas, seja para crescer a partir dos conflitos. Que seja uma espiritualidade que integre e trabalhe o corpo, a mente, o espírito e o coração das pessoas...

## 2.4 – Espiritualidade de leiga e leigo

Essa questão foi aprofundada pelos membros do Secretariado Nacional e por agentes de Cáritas Diocesanas em regiões em que ainda não existe Regional da Cáritas Brasileira, num encontro realizado em outubro de 2002. Contou com a assessoria do D. Tomás Balduino, presidente da Comissão Pastoral da Terra.

A tradição, aparentemente, não ajuda muito para o aprofundamento da temática da espiritualidade de leigas e leigos. A prática da criação de espaços especiais para a formação de padres, religiosos e religiosas, somada à de separar os candidatos e candidatas desde o final da infância, aos 10 ou 11 anos, produziu a idéia de que espiritualidade seria algo característico dessas pessoas. Com o andar do tempo e a partir da necessidade de apresentar esses *estados de vida* como os preferidos de Deus, já que as pessoas neles envolvidos estariam totalmente *consagradas* a Ele, os cristãos foram se sentindo inferiorizados, vivendo em situações e trabalhos em que pouco ou nada se lembraria e se louvaria a Deus, com envolvimento em questões materiais, próximas das tentações de todos os tipos.

Na verdade, foi acontecendo um afastamento da vida comum das comunidades por parte dos *consagrados* e *consagradas*, gerando a falsa idéia de que a Deus só se encontra e se segue a partir de treinamentos especiais e de formas de vida diferentes das comuns do povo. Para completar, essas pessoas consagradas foram promovidas pela instituição eclesial para *ensinar ao povo* as espiritualidades que elas aprenderam, agravando ainda mais a sensação de que aos cristãos das comunidades só restaria estar presentes nos rituais vividos pelos *consagrados e consagradas*, uma vez que nem mesmo a língua utilizada – o latim – era de seu conhecimento. Houve a introdução da língua de cada povo, e, contudo, a distância não foi vencida, já que os rituais revelaram ser pouco ligados à vida concreta, deixando no ar, uma vez mais, a dúvida sobre a possibilidade de que todos os seguidores de Jesus pudessem ter uma espiritualidade própria.

Tendo presente que a quase totalidade dos agentes da Cáritas são leigas e leigos, tornou-se necessário aprofundar essa questão: afinal, existe uma espiritualidade própria de leigos e leigas? O objetivo da reflexão tem sido exatamente a elaboração de uma mística e espiritualidade dos leigos e leigas que animam o trabalho da Cáritas.



### ***Nossa imagem de leigo e leiga***

É muito mais pelo negativo que se forma a imagem de leigo: *é o que não é consagrado, o que não é do clero, o que não é religioso ou religiosa*. Essa imagem é fruto da comparação com o que está institucionalmente consolidado na Igreja. Só num segundo momento, num esforço de reflexão, aparece a dimensão afirmativa: *a pessoa que pertence ao povo cristão como tal e não à hierarquia eclesiástica* – como está no dicionário Aurélio. É o cristão que vive no mundo, com família, envolvido na luta pela vida, nos desafios da economia, da política, dos problemas sociais.

Por outro lado, é muito forte a imagem de que *leigo e leiga* designam pessoas que não estão por dentro de algum assunto, que não têm conhecimento dele. Mesmo em relação à fé cristã, a prática dos que se sentiam conhecedores aprofundou a consciência de que os não eclesiásticos estavam por fora da compreensão das verdades e reflexões teológicas, eram leigos no assunto. E será que, mesmo tendo presentes as mudanças introduzidas, essa imagem de que, frente a alguns que sabem supostamente tudo, a quase totalidade é *leiga*, está por fora, foi superada?

### ***A imagem bíblica de leigo e leiga***

Se vamos à experiência bíblica, descobrimos algo muito diferente: a construção e aprofundamento da consciência de que todas as pessoas que assumem, com fé, a Promessa do Deus conosco, Javé, e vivem o compromisso da aliança firmada com Ele, são o *laos* de Deus, o Povo de Deus. Mais ainda, na linguagem grega, são o *demos*, o povo que participa, que decide, que se governa, guiado e inspirado por Deus. E *eklesia* – igreja – é a assembléia de *demos*, assembléia dos chamados, do *laos*, do povo de Deus.

Nessa perspectiva, são leigos e leigas todas as pessoas que fazem parte do Povo de Deus. E de um povo cujo Deus não aceita discriminação de tipo algum e, se houver desigualdades, coloca-se do lado dos deserdados, dos mais frágeis, dos injustiçados, e com eles faz o caminho de retomada da fidelidade à aliança. Todos e todas têm igual valor: são seus filhos e filhas, são como a esposa amada apaixonadamente, mesmo quando infiel.

A experiência de Jesus vai nessa linha: ele próprio não é membro do grupo ou casta dos *sacerdotes, levitas, doutores da lei, fariseus, saduceus*; é *filho de José, o carpinteiro*, de uma

família que faz parte do *laos* de Deus. Ele é, rigorosamente, um *leigo* e escolhe a prática dos profetas – radicalmente laical – como seu caminho para anunciar as Boas Notícias, o Evangelho de Deus. Todos e todas que ouvem sua palavra, acolhem seu convite e se põem a caminho com Ele, se tornam seus *discípulos e discípulas*, e dentre todos eles, sem criar diferenças institucionalizadas, ele escolhe o grupo dos apóstolos. Só depois, na história do cristianismo, é que serão formalizadas, dentro da *igreja dos seguidores e seguidoras*, diferenças que se parecerão, em grande medida, com as introduzidas pelas castas que controlaram e usaram o Templo no Antigo Testamento.

Cabe-nos, então, retomar a riqueza da imagem de *leiga/leigo* presente na memória bíblica, resgatando também a espiritualidade que deveria alimentar todos os seguidores e seguidoras de Jesus Cristo.

### ***Conhecer o mapa da mina***

O assessor, D. Tomás Balduino, começou sua reflexão comentando um exercício em que o grupo participante procurava analisar as relações dos e das agentes Cáritas com diferentes situações: na família, no trabalho, no engajamento com os excluídos, na militância política; nós somos um microcosmo dentro de um macrocosmo, em que *tudo é nosso, nós somos de Cristo, e Cristo é de Deus*. A espiritualidade tenta iluminar tudo, para que sempre possamos *dar as razões de nossa esperança* (1Pe 3,15).

Existem tensões com a hierarquia, é claro. O importante é sentir-se pobre, sem recursos, mas livre. A relação, aqui também, é contraditória: sem romper, é preciso apostar em mudanças. Infelizmente, a hierarquia tem mais força para barrar do que para impulsionar. É importante conhecer as possibilidades e limites, e, de modo especial, as possibilidades dos leigos e leigas.

O que precisamos é buscar as razões mais profundas: a construção do Reino, o anúncio do Evangelho. Temos dois pólos: o lado do Evangelho, a Boa Nova, e a vivência na margem, que é o lugar revelador de Deus – e os e as agentes da Cáritas, que vivem aí, estão conhecendo o mapa da mina. Cabe-nos também a missão de atuar dentro da Igreja, mas fazendo como Jesus: anunciar a partir dos pobres, dos catadores e catadoras...

Na militância política, o importante é estarmos abertos para agir e interagir com organizações da sociedade, participando em fóruns, mobilizações, conselhos, articulações e redes, evitando o gueto. Devemos estar sempre comprometidos com a transformação. E nesta

direção, outros nos antecederam e nos precedem; não somos donos nem os únicos construtores do Reino, graças a Deus.

Cabe-nos ser profissionais sérios em nossos trabalhos; contudo, evitando vestir a camisa de força da especialização e do corporativismo. O importante é sermos competentes e livres, abertos ao novo, a serviço da construção do Reino junto com os empobrecidos. Na prática, cabe-nos não apenas ser eficazes na geração de respostas aos desafios, como os do Semi-Árido, os da convivência com a floresta, os da água etc., mas sermos fonte de descoberta e animação de novos companheiros na luta pela libertação.

### ***Mística e espiritualidade são luzes para caminhar***

Para caminhar, é preciso ter segurança em relação aos motivos e à direção. Essa é uma das funções da espiritualidade, pois ela se aprofunda junto com a reflexão teológica. É com ela que podemos chegar ao poço em que todos vamos beber.

Refletindo sobre o evangelho da Samaritana, vale a pena colocar-se no lugar de Jesus: ele estava em necessidade, tinha boas condições para dialogar e era um estrangeiro que se dirigia a uma estrangeira, gerando uma situação de igualdade. No diálogo, Jesus anuncia o Espírito: já é tempo em que os adoradores adorarão em espírito e verdade. Ele não é da tribo sacerdotal, mas é religioso, fala da adoração, só que independentemente da instituição.

Isso lembra que, um dia, as discípulas e discípulos pediram a Jesus que lhes ensinasse uma oração, que não os deixasse serem menos que os discípulos de João, e a oração que ele ensinou é algo que pode estar na boca de gente de qualquer religião: *Pai... Reino... Pão... Justiça... Reconciliação...*

A espiritualidade dos seguidores de Jesus consiste em ser como ele: *aprendam de mim que sou manso... não quebro o caniço... não apago a mecha ainda fumegante...* Jesus não é da hierarquia – e não parece que isso tenha sido limitação para ele! Ele é leigo, com as limitações da humanidade... necessitando aprender o despojamento, a abertura ecumênica. Esse é o núcleo central do segredo de Jesus: ele contagiou os discípulos e discípulas com a mística do Espírito. Infelizmente, a Igreja abandonou esta prática em sua história, mas o Concílio Vaticano II a retomou.

Assumindo a profecia de Isaías, Jesus declara: *o Espírito do Senhor está sobre mim... É o kairós, a hora de Deus: ele voltou a Nazaré: se fez um qualquer, e falou de um lugar muito*

simples, desprezado...: *o Espírito do Senhor está sobre mim e me enviou para anunciar as boas notícias aos pobres... a libertação dos oprimidos... o ano de graça do Senhor... Hoje se cumpriu isso que acabam de escutar!* (Lc 4,16s).

Este Espírito do Senhor está em cada um de nós: *recebam o Espírito Santo...* É o Espírito da liberdade, antípoda de toda instituição, mesmo a eclesiástica. É um vento impetuoso. Essa missão de anunciar animados e animadas pelo Espírito deve ser vivida com liberdade e autonomia. É obra de Deus, na linha da profecia, que vem desde os tempos antigos. O leigo e a leiga não têm limites na inserção, na militância, pois sua missão lhes é dada por Deus.

O que predominou na Igreja foi o caráter sacerdotal à moda do Antigo Testamento. Jesus é sacerdote, é o máximo do sacerdócio: ele é a adoração a Deus em Espírito e verdade... mas em nada ele assumiu a tradição da tribo dos sacerdotes.

Por isso tudo, a espiritualidade do cristão e da cristã é o seguimento de Jesus no anúncio do Espírito de Deus, anúncio realizado por força que o próprio Espírito lhes dá. O Vaticano II fez essa reconciliação com o Espírito. E liberou a Palavra de Deus, que deve ser lida e vivida sem fundamentalismos, para que seja luz, sal. O novo está na espiritualidade do Espírito de Deus, que deu a Jesus – e a nós – plena liberdade, e se comunica em todas as línguas, revoluciona todas as estruturas...

### ***Portadores do segredo do Reino***

O projeto de Jesus é o Reino, não a Igreja. Esse Reino não é algo caído do céu. Ele faz parte da missão das discípulas e discípulos: *vão anunciar que o Reino é como uma semente... como uma boda... como uma pérola...* O Reino vai emergindo da vida concreta, vindo de uma sementinha, que se torna uma árvore... *Vão às cidades... não levem nada...* Nada de construir capelas, fazer confrarias... *O Reino de Deus está no meio de vocês...* Nada de ir com um pacote catequético! O povo já está inspirado, pois o Espírito antecedeu os discípulos e discípulas. Um copo de água já é Reino de Deus.

O Reino sofre contradições: está misturado com o anti-reino. Jesus não manda destruir, repetindo o que faziam os que haviam institucionalizado a religião. Por isso, em vez de desejar o poder do bispo ou de qualquer outro tipo de poder piramidal, que age de cima para baixo, cabe-nos construir outro modo de conviver e de animar a missão. Jesus, movido pelo Espírito, mexe com as estruturas da maldade, e o faz a partir de fora, livre de todas as estruturas. Ele pratica a comunhão com o Pai por meio da oração e não tem limites na atenção aos necessitados: ele sente

compaixão, tem amor misericordioso. Esse amor, na América Latina, nos diz Jon Sobrino, se expressa na prática de *descer da cruz os crucificados*. A paixão pelo Pai é a mesma paixão pelo irmão. A maior tentação é a de separar esse amor.

A espiritualidade de Jesus é ligada ao Espírito de liberdade, à Palavra, ao agir, ao povo. Um analfabeto, chamado Pedro, ouviu e anunciou a Palavra. A relação com ela deve ser orante, e leitura orante consiste em: 1) Oração ao Espírito; 2) Fazer a leitura; 3) Comparar: com outros textos, com a nossa realidade; 4) Contemplar; 5) Compromisso.

É importante resgatar a experiência popular e laical do seguimento eclesial de Jesus: na primeira carta de Pedro, ele nos diz que os seguidores e seguidoras são *uma comunidade sacerdotal, que oferece os sacrifícios espirituais que Deus gosta...* É uma comunidade, e não indivíduos isolados. Cabe-nos ser, como Jesus, *sacerdotes, reis e profetas*: esse é o específico de todas e de todos os discípulos (1Pe 2,4-10).

A partir de Medellín, a Igreja encontra os não-gente, os excluídos: os índios, os camponeses, as mulheres, os migrantes, os povos da rua... Cabe-nos ser Povo de Deus, isto é: ser o Reino na comunidade humana, especialmente na comunidade dos pobres. Segundo o Concílio Vaticano II, o pobre é o sujeito histórico, o protagonista, e cabe à Igreja levantar os caídos, como o fez o Samaritano: fazer do caído alguém capaz de levantar outros caídos e caídas. Não basta fazer *serviço aos pobres*. É preciso que os pobres se levantem, falem, gritem. É daí, deles, que vêm as respostas. É deles, e com nossa participação, que nascem e virão outras formas de poder, sempre democrático, participativo, partilhado, horizontal, sempre a serviço da vida em todas as suas formas, sempre voltado para o cuidado com as pessoas e com o meio ambiente.

Vivemos em tempos difíceis: a conjuntura não é favorável para a afirmação dos leigos e leigas, para as pastorais sociais. O importante é seguir em frente, resistindo às tentações de recuar. É melhor enfrentar as contradições. Por outro lado, Jesus nos advertiu de que, em realidades que se negam a acolher sua Palavra e colocá-la em prática, é normal haver contradições e conflitos (Jo 15,18 a 16,4).

### ***Ser Povo de Deus em movimento***

A contradição existente entre laicato e instituição eclesiástica pode ser fonte tanto de desânimo como de nova oportunidade para assumir, com liberdade, a missão de ser seguidor e seguidora de Jesus. Vale, para isso, ter presente as diferentes reações que Jesus provocou nas pessoas por suas práticas de misericórdia: de como, para os empobrecidos, era revelação do amor

de Deus, e para os encastelados nas instituições poderosas e exploradoras, uma ameaça que precisava ser combatida e aniquilada como se viesse do demônio. Ele provoca, convoca as pessoas a entrarem livremente no movimento que vai abrindo, aprendendo com ele a caminhar, a ter compaixão, a ser misericordioso. Ele não cria uma instituição, e sim um movimento de amor radical, animado e movido pelo Espírito. As relações devem ser marcadas pela fraternidade, de que Jesus é exemplo radical.

Isso nos ajuda a compreender o conflito que se arrasta pela história e tem presença marcante no mundo atual: o projeto de Jesus é democrático, ecumênico, descentralizado, assentado sobre a fraternidade como um sinal para a humanidade, enquanto as instituições cristãs, bem como as políticas, são centralizadas, eclesiásticas, monárquicas, piramidais. Jesus inaugurou a prática e o anúncio de que um *mundo novo é possível* a partir dos empobrecidos, de sua participação na construção de formas de convivência que se aproximem ao máximo do Reino de Deus. Igual prática e anúncio são assumidos pelas comunidades de seguidores e seguidoras de Jesus, e daí surgem os conflitos.

Coloca-se a questão do poder: o melhor é desejar o poder concentrado em poucas instituições, ou a pressão, a partir da prática da liberdade cristã, para que todo e qualquer exercício de poder mude de orientação, colocando-se ao lado dos empobrecidos? A busca de poder para dominar é anticristã. O caminho de Jesus é o serviço: o colocar a serviço da libertação dos excluídos toda a capacidade de ação, de influência e de poder. Por isso, mesmo estando dentro da instituição eclesiástica, a prática livre de participantes do movimento de Jesus pode contribuir para que prevaleçam, entre todos os cristãos, relações que favoreçam a participação, a co-responsabilidade, a busca permanente da verdade e a prática da veracidade...

### ***Novas características da mística e da espiritualidade da Cáritas***

Como características da espiritualidade dos e das agentes Cáritas, vale destacar:

- ✓ Ser encarnada na realidade, ecumênica, atenta aos sinais presentes nas situações, nos valores, nos movimentos, comprometida com os excluídos e excluídas, com quem manifesta um profundo amor, ternura, compaixão e parceria nas lutas pela libertação, vibrando com as transformações conquistadas.
- ✓ Ser vivida na forma de indignação com tudo que é injusto e desumano, e uma indignação que se transforma em ações, inclusive de desobediência civil, se for necessário.

- ✓ Expressar-se no contato e no amor à natureza, numa oração que se liga com o cotidiano, com as ações, com a militância, evitando ser meramente um ou uma profissional.
- ✓ Ser livre, numa liberdade movida pelo Espírito, calcada no exemplo da vida de Jesus.
- ✓ Ser evangelizadora, portadora de boas novas, fonte de renovação permanente da esperança, teimosamente persistente, na perspectiva da tradição profética.
- ✓ Ser forte e discreta como o fermento, que desaparece para fermentar a massa: inserir-se, estar com; encarnar-se também na Igreja, visando aproximá-la da missão dada por Jesus.
- ✓ Ser permanentemente alimentada pela força e iluminada pela luz da Palavra de Deus, acolhida de forma orante.

### **III – EXERCÍCIO DE SÍNTESE: algumas características da mística e espiritualidade da Cáritas**

Por que *exercício*? Por duas razões principais: primeiro, porque temos consciência de que esse é um tema que não pode ser fechado, virando um *modelo*; segundo, porque essa sistematização também continua em aberto, esperando que as novas descobertas e as reflexões dos e das agentes agentes Cáritas, bem como das amigas e amigos da Cáritas, a enriqueçam de forma permanente.

O objetivo desta parte é reunir, num esforço de síntese, o que foi elaborado por todas as pessoas que participaram do processo de busca e construção de uma espiritualidade e mística da Cáritas Brasileira. Espera-se, com isso, ter aqui um instrumento de referência comum para a continuidade de nossas buscas. Como sabemos, em relação à espiritualidade e à mística, as práticas pessoais, grupais e comunitárias são muito mais importante do que as belas teorias e palavras.

#### ***Ponto de partida macroecumênico***

A raiz de nossa espiritualidade está em nossa própria humanidade: somos pessoas, somos seres espirituais, capazes de estabelecer livre e conscientemente relações amorosas com outras pessoas, com todos os seres vivos, com a natureza, com o universo. Somos o próprio cosmo na forma pensante, livre, consciente. Sendo livres, podemos também ser tomados por diferentes tipos de *espírito*, até mesmo pelos que são contrários à vida, à convivência amorosa com as pessoas e todo o universo. Precisamos, por isso, cuidar do nosso espírito, alimentá-lo com valores presentes em nossa cultura e nas diferentes culturas, em nossa crença religiosa e nas demais religiões. Mais ainda, se nos assumimos como seres livres carregados de possibilidades e limites, e faz sentido e nos alegra a notícia de que somos obra de um Criador divino, que se expressou amorosamente num longo processo de criação da vida e das suas condições ambientais, então podemos buscar relação com ele sem temer a perda da nossa liberdade.



Trazemos conosco raízes culturais e religiosas de diversas origens, carregadas de valores e animadoras do nosso espírito. Elas nos enriquecem pessoalmente e tornam mais rica a convivência entre nós. Essa abertura ao diferente que convive conosco abre também nosso coração para os testemunhos maravilhosos que nos são dados por pessoas que têm diferentes culturas e religiões, e que nós assumimos como nosso *próximo*.

### ***Mística e espiritualidade cristãs***

Praticamente todas e todos assumimos uma mística e espiritualidade de cristãs e cristãos leigos. É a mística e a espiritualidade de todas as pessoas que fazem parte do Povo de Deus. Ela é a abertura para a ação do Espírito Santo na pessoa, no grupo de convivência e de missão, na comunidade dos seguidores de Jesus. Como insiste o apóstolo João, quem por primeiro nos ama é Deus, Ele que é Amor (1Jo, 4,10ss). É a mística da construção do Reino de Deus como obra que Deus quer fazer com suas filhas e filhos, seguindo os passos de Jesus; o Reino é um bem tão valioso que, quando descoberto, por ele a pessoa dá tudo que tem (Mt 13,44-46); e o segredo maior de sua construção está no amor incondicional pela pessoa assumida como próximo, e por ela vale a pena até dar a própria vida (Jo 15,13).

Somos pessoas e temos como uma de nossas características a liberdade. Somos responsáveis por nossas decisões, mesmo sabendo que muitas coisas interferem em nossa capacidade de tomar decisões com verdadeira autonomia. Por isso, é muito importante contar com as irmãs e irmãos companheiros de caminhada e com a inspiração do Espírito da liberdade: ele nos faz livres, como nos lembra o evangelizador Paulo (Gál 5, 1). O Espírito não se deixa aprisionar por nenhum tipo de estrutura e de poder, nem mesmo pelas estruturas religiosas. Ele sopra onde quer. Em nós, quando o acolhemos, é como um vento forte, que nos renova e impulsiona para a missão.

A inspiração do Espírito se manifesta em nossa capacidade de estarmos atentos à realidade, especialmente à dos pobres. É com ele que buscamos os melhores meios de compreender o que vai acontecendo, discernindo as possibilidades presentes nas pessoas e na sociedade. Ele nos ajuda a *ler os sinais dos tempos*, abrindo caminhos novos a partir do que Deus vai realizando com a humanidade. Nos ajuda a celebrar alegremente os avanços e nos leva a participar dos movimentos que lutam por um mundo novo sempre possível.

É do Espírito Santo que recebemos a missão, desde que tenhamos decidido livremente seguir Jesus Cristo. A missão é a de Jesus, pois aceitamos *amar como ele amou* (Jo 15,12), e esse

amor se faz história por meio de práticas libertadoras, desde as mais simples – um copo de água para quem tem sede – até as que exigem o risco da própria vida – as lutas contra a opressão; ele se concretiza especialmente no anúncio de boas notícias aos empobrecidos, revelando onde e como o Reino de Deus vai brotando e crescendo na realidade humana, e revelando que todos e todas estamos sendo atraídos por Deus para um *tempo de graça*, uma sociedade em que todas as pessoas viverão alegremente como filhas e filhos de Deus. Essa utopia, como todas, nos ajuda a ter um norte, uma direção; e a sua força se assenta nos motivos que temos para confiar em Deus, Ele que ressuscitou a Jesus para que ficasse claro que o caminho vivido por ele é o abençoado e o melhor para a humanidade.

O Espírito nos anima a viver e implementar práticas de *amor libertador – caridade libertadora*. Temos como meta amar como Deus ama – mesmo sabendo que só podemos caminhar nessa direção porque Ele próprio faz morada em nós, e em todas as pessoas que aceitam sua Palavra, e nos dá força para avançar sempre. O amor libertador reconhece que todas as pessoas, e especialmente as mais excluídas, são portadoras da dignidade de filhos e filhas de Deus e do direito de participarem das práticas que as libertarão das prisões, das cegueiras, da miséria e da fome geradas pelo abandono, pela dominação e pela exploração que reinam na sociedade em que vivem. Esse amor se expressa no reconhecimento e na promoção do protagonismo político dos excluídos na formulação e na conquista de políticas públicas e na geração de movimentos que tornem real o que é possível, e tornem possível o que parece impossível.

O amor radical libertador recebe alento no testemunho de vida de Jesus e de todos os que dão a vida pela libertação da humanidade. É a força que vem do martírio, do testemunho de fidelidade, que é silenciado pela violência dos que agredem os que lutam pela liberdade e pela libertação, pois tais agressores desejam manter privilégios, interesses privados, propriedades, especulação, poder, dominação.

### ***Dar-se tempo para alimentar a mística***

A mística dos agentes Cáritas precisa de uma espiritualidade que inclua tempos de contemplação, uma prática que torna possível o envolvimento nas ações planejadas sem cair no ativismo. Contemplar tudo o que sucede na realidade e nos processos de luta – olhar atentamente, perceber os avanços, o crescimento das pessoas... E que seja um olhar que permita

encantamento gratuito, alegria, celebração. E celebração da presença amorosa e fiel de Deus em todos os caminhos.

Para dar maior profundidade a esse olhar contemplativo que torna mais humanas as ações desenvolvidas, é fundamental alimentá-lo com a retomada da memória presente na Palavra de Deus. É com a leitura orante da Palavra que renovamos a visão e o entusiasmo pela missão. É ela que nos manterá *movidos por Deus*, entusiasmados pela missão, mesmo no meio dos conflitos e das contradições.

### ***Viver uma espiritualidade do conflito***

Na verdade, a mística de Jesus, expressa em sua vida radicalmente voltada para as pessoas marginalizadas, oprimidas e excluídas, é expressão de uma espiritualidade que o levou a viver uma intensa relação com o Pai no meio dos constantes conflitos. Podemos até dizer que foi *uma espiritualidade do conflito*. De fato, tanto ele como seus seguidores e seguidoras, ao provocarem as pessoas a uma mudança radical de vida, abrindo-se para fazer um mundo que seja *um ano da graça do Senhor*, superando as tentações de apropriação das condições naturais da vida, de uso do poder para dominar e explorar, de uso de magias e *shows* para manter as pessoas na dependência (Lc 4,1-13), provocam reações, muitas vezes violentas, dos que sentem ameaçadas as estruturas de poder que mantêm seus privilégios.

Essa espiritualidade do conflito pode expressar-se também nas relações no interior da Igreja. Sem quebrar em definitivo, amar a Igreja significa, algumas vezes, discordar, fazer diferente, com ou sem apoio, criando oportunidades, a partir da prática e do anúncio, de redescoberta da missão, da pedagogia e do poder-serviço de Jesus.

É uma espiritualidade que se expressa e se alimenta da Eucaristia: da força, da graça de Deus que provém da renovação do acontecimento da morte e ressurreição do Senhor Jesus. Mas não das celebrações reduzidas à repetição mecânica e quase mágica de rituais. A espiritualidade cresce quando se ***renova o acontecimento***: quando a morte e a ressurreição são redescobertas e celebradas na vida e na realidade atuais. A Eucaristia pode e deve ser, cada vez, um novo acontecimento na vida das pessoas e da comunidade, um acontecimento que se expressa nos compromissos para que todo tipo de morte seja superado pela ressurreição, pela vida nova. Talvez seja bom pensar, periodicamente, na celebração de uma Eucaristia efetivamente ligada à vida e ao engajamento no trabalho da Cáritas, animada por um presbítero – enquanto só pode ser um homem – que favoreça o diálogo e a participação.

Trata-se, como se vê, de uma espiritualidade profética, como a de Jesus: de fora de qualquer espaço de dominação, do meio da sociedade, entre e com os excluídos, ir construindo e anunciando que é plenamente possível um mundo bom para todas as pessoas. Isso significa denunciar as forças e as estruturas que impedem esse *presente possível*. Significa, principalmente, convocar, mobilizar as pessoas e forças sociais e políticas voltadas para a construção dessa novidade para todas as pessoas.

É preciso evitar a redução da mística e da espiritualidade à ação – a oração na ação – e à oração ou celebração litúrgica desligada da vida, buscando o justo equilíbrio. De fato, entre as duas, a primeira é melhor, pois sem amar aos irmãos e irmãs, a quem se vê, mente quem diz que ama a Deus. Esse é o núcleo central da vida espiritual dos leigos e leigas, membros do Povo de Deus, seguidoras e seguidores de Jesus. E um amor sem fronteiras, que se abre para todas as formas que a necessidade, as possibilidades e a vocação apresentarem para cada pessoa, lembrando que, na atualidade, em que o caído à beira do caminho são massas humanas, milhões de irmãs e irmãos, necessariamente deve ser um amor político. Mas, para nos manter fiéis e firmes nessa prática da compaixão misericordiosa, de amor libertador, crítico, esperançoso e criativamente político, temos necessidade de tempos especiais de contemplação, oração, celebração.

### ***Ser eterno aprendiz***

A mais espiritual de todas as atitudes é o assumir-se como um *eterno aprendiz*. Não existem modelos ou rituais mágicos, que produzem os efeitos a partir da mera repetição. Não existem estruturas, por mais que se apresentem como religiosas, que resolvam nossos anseios por meio da dependência e da entrega irresponsável. Cada pessoa, cada agente Cáritas, cada grupo ou equipe, cada comunidade, cada Cáritas, se desejar o melhor no seguimento de Jesus e na mística e espiritualidade que o alimenta, deverá buscar, e sempre, e com criatividade, aprender novas formas de viver, conviver, contemplar, ouvir o Espírito, amar como Deus sendo pessoa, doar a própria vida, celebrar a vida libertada...

Ivo Poletto

Goiânia, maio de 2003